

ORÁCULO INVERSO E OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Pedro Serra (Apresentação)



MARIO DANIEL MARTÍN • ANGELA DRUMMOND • DI FLORES • CLÁUDIA CRISTINA GUELF I FAGA •
ROGÉRIO AMARAL DE VASCONCELLOS • JACQUELINE GAMA DE JESUS • KARINA MENDONÇA •
DÁRIO ALEJANDRO POYANCO BRAVO • JOSÉ EDUARDO MARCO PESSOA • J. C. M. MAGALHÃES •
PEDRO COSTA • DIEGO CAVALCANTE SAMPAIO



Ediciones Universidad
Salamanca

ORÁCULO INVERSO E OUTRAS HISTÓRIAS
SOBRE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

ORÁCULO INVERSO E OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

PEDRO SERRA (Apresentação)

MARIO DANIEL MARTÍN • ANGELA DRUMMOND • DI FLORES • CLÁUDIA CRISTINA GUELFÍ FAGA •
ROGÉRIO AMARAL DE VASCONCELLOS • JACQUELINE GAMA DE JESUS • KARINA MENDONÇA
• DARIÓ ALEJANDRO POYANCO BRAVO • JOSÉ EDUARDO MARCO PESSOA • J. C. M. MAGALHÃES
• PEDRO COSTA • DIEGO CAVALCANTE SAMPAIO



Ediciones Universidad
Salamanca

BIBLIOTECA DE BRASIL, 10
Brasil de Cuentos, 2

© Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

Edición:
Elisa Tavares Duarte
y Esther Gambi Giménez

Diseño de cubierta:
© Gregory Betermann, 2023

1.ª edición: marzo, 2023

ISBN: 978-84-1311-728-7 (PDF)
ISBN: 978-84-1311-729-4 (ePub)


Ediciones Universidad de Salamanca
<http://www.eusal.es>
eus@usal.es


Hecho en España-Made in Spain


Maquetación:
Cícero, S.L.U.



Usted es libre de: Compartir — copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato
Ediciones Universidad de Salamanca no revocará mientras cumpla con los términos:

 Reconocimiento — Debe reconocer adecuadamente la autoría, proporcionar un enlace a la licencia e indicar si se han realizado cambios. Puede hacerlo de cualquier manera razonable, pero no de una manera que sugiera que tiene el apoyo del licenciador o lo recibe por el uso que hace.

 NoComercial — No puede utilizar el material para una finalidad comercial.

 SinObraDerivada — Si remezcla, transforma o crea a partir del material, no puede difundir el material modificado.

Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE

Unión de Editoriales Universitarias Españolas www.une.es

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego



Esta edición reúne los cuentos seleccionados en el VI concurso de relato breve “Cuéntame un cuento”, del Centro de Estudios Brasileños (CEB) de la Universidad de Salamanca (USAL).

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Pedro Serra 6

ORÁCULO INVERSO

Mario Daniel Martín..... 9

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Angela Drummond 18

VENTOS DO ENTARDECER

Di Flores..... 31

O RELÓGIO DA LIBERDADE

Cláudia Cristina Guelfi Faga 38

EL PEZ MUERE POR LA BOCA Y EL HOMBRE

POR LOS CULHONES

Rogério Amaral de Vasconcellos..... 51

A PRIMEIRA LUTA

Jacqueline Gama de Jesus 63

O MASSACRE DO BRIGUE PALHAÇO

Karina Mendonça 70

SOVA DE CANSANÇÃO

Darío Alejandro Poyanco Bravo 82

INDEPENDÊNCIA OU MORTE

José Eduardo Marco Pessoa..... 96

UM OUTRO GRITO

J. C. M. Magalhães..... 109

O PANTEÃO

Pedro Costa 118

LEOPOLDINA EM TRADUÇÃO LIVRE

Diego Cavalcante Sampaio..... 132

APRESENTAÇÃO

Talvez a antiga, e sempre nova, ocupação da escrita, da *poesis* como trabalho onírico da linguagem, seja determinada pelo agonismo da tentação do fim: o acto criativo, como intensidade – energia ou acção –, tem no escrito, que potencialmente o actualiza, o seu epitáfio. Essa tentação de crepúsculo, tornado sensível, mas também abstracção, é, assim, uma espécie de ocupação perversa pois supõe a sublevação quer do espaço quer do tempo como garantes estáveis de tudo, do todo. Daí que nesse abismo crepuscular, que nunca actualiza o fim último, refractado como potência diferida, todo o passo sobre o vazio seja passo em falso, toda a ocupação seja um despovoamento. Termos que podem ir ao encontro das valências alegóricas do belíssimo e terrível texto beckettiano *Le Dépeupleur*, certamente a descrição mais ajustada e justa da agência humana como distopia. Da imaginação e pensamento de Samuel Beckett, eis, no arranque do texto, a imagem plástica, eis a inicial descrição do edifício geométrico – um enigmático cilindro – que figura e conceptualiza de

modo complexo essa humana ocupação ou acção: “Estância onde corpos vão, cada um, à procura do seu despovoador. Bastante vasta para permitir procurar em vão. Bastante restrita para que qualquer fuga seja vã.” Se recortado daquela indefinição movente de corpos, um corpo que procura o seu despovoador poderia, então, ser a figura da mencionada tentação do fim, tentação crepuscular, ocupação que paradoxalmente despovoa. Na declinação plural do corpo, os corpos, entre a impossibilidade da fuga e a possibilidade da procura – isto é, na repetição decerto já sem ênfase de uma acção frenética –, podem cruzar o olhar e a fala neste incerto lugar e tempo antes do fim, a caminho do fim. Tudo isto pode valer para o poeta como *último homem*, para a solidão do sujeito escrevente que, tal como no texto homónimo de Maurice Blanchot, *Le Dernier Homme*, supõe um acabamento vazio e falso: “olham-se e falam; fazem de si mesmos uma solidão povoada por eles mesmos, a mais vazia, a mais falsa”. Nesta solidão que por si só supõe alienação – separação dos outros, do mundo –, o abismo do alienado é a ilusão de um ‘em si’ povoado, o sujeito como povoador último. Alienado de si próprio, este sujeito impróprio blanchotiano é, como se sabe, versão de uma das pedras angulares da modernidade literária.

Como actos de imaginação e ficção mediados pela escrita, as narrativas breves reunidas neste volume sobreviverão à efeméride histórica que os detonou – os factos do “Bicentenário da Independência do Brasil” –, e é em função desta sobrevivência que demandam leitura. Pulsa neles, neste sentido, a determinação de “desromantizar” a História, perfazendo a crítica de diferentes lugares-comuns e mitografias do imaginário cultural coagulados em torno do “7 de Setembro de 1822”. Num certo sentido, tratam de

despovoar uma determinada imaginação historicista, aquela que se mostre sempre disponível para ser ocupada por elites político-económico-militares. As narrativas breves, em que se respiram tonalidades e soluções narrativas diversas, fazem, pois, comunidade *desordenada* deste revisionismo, decerto em busca do ‘impensado’, desígnio Moderno maior da palavra, do verbo, do *logos*. Instigam, digamos, uma conversa coral, cujas valências Heinrich Von Kleist, nos idos de 1808-1809, descrevia nos seguintes termos: “Por conseguinte, quando uma ideia é expressa de forma desordenada, não resulta de todo que também tenha sido pensada de forma desordenada; em vez disso, poderia facilmente ser que as ideias menos expressas são apenas as mais claramente pensadas. Em encontros sociais onde as mentes são continuamente fertilizadas com ideias por uma conversa animada, muitas vezes podemos ver pessoas que, regra geral, são reticentes, porque sentem que não têm comando da linguagem, de repente irrompem com um movimento brusco, tomam conta da fala e dão à luz algo ininteligível”. A coralidade da conversa congregada no presente livro – a arte da ficção, escrita ou outra, sempre é ‘coro’ – propicia uma atmosfera de reticências de onde, *subitamente*, se produz uma espécie de *alumbramento*: a abertura de hipóteses indeterminadas de uma Democracia por vir, mais justa, igualitária e fraterna. Uma Modernidade – no caso vertente, em clave intimamente brasileira – *sempre* por vir.

PEDRO SERRA

Professor Catedrático

Estudos Portugueses e Brasileiros
Departamento de Filologia Moderna
Universidade de Salamanca



ORÁCULO INVERSO

Mario Daniel Martín

INTRODUCCIÓN

Contra todas las expectativas, una inteligencia artificial desarrollada en Marte, GHK-λπØ, apodada Maquiavellia, de la Facultad de Historia Experimental de la Universidad del Valles Marineris, triunfó en el Concurso de Predicción Socio-Política Inversa del Sistema Solar Interior. El segundo puesto fue para Η%α£, apodada Condorcetia, de la compañía de colonización Espacio Abierto, en el planetaide Ceres.

La competición, un clásico caso del llamado ‘oráculo inverso’ consistía en predecir un hecho político o histórico ya ocurrido, con el mayor detalle posible, del que la inteligencia artificial desconocía el desenlace, teniendo en cuenta únicamente sus antecedentes.

Las condiciones de participación eran extremadamente estrictas. Las inteligencias artificiales debían haber estado confinadas desde su creación, y haber sido socializadas con documentos creados o impresos antes de 1800. No debían haber sido expuestas a ningún tratado histórico comprensivo relacionado con el caso a predecir, aunque hubiera sido escrito antes de esa fecha, y

no debían haber participado en otro concurso de oráculo inverso con anterioridad. El objetivo era que los algoritmos de los participantes, así como su entrenamiento, fueran las únicas variables en que se diferenciaban, ya que los documentos en base a los cuales debían hacer sus predicciones serían los mismos para todos los participantes.

Exactamente un mes antes de la competición, un máximo de tres historiadores podía empezar a entrenar a los autómatas, dándoles ejemplos de predicciones históricas, de elección libre, basadas en la misma base de datos históricos, sin conocer el caso que se anunciaría al comienzo del concurso. Una vez anunciado el tema, las inteligencias debían procesar los documentos adicionales, creados después de 1800, sin asistencia de los historiadores u otros autómatas, en estricto confinamiento. En un plazo de 24 horas terrestres, debían anunciar los hechos que, de acuerdo a su criterio, serían más probables como resolución del evento histórico propuesto. En el caso de que los jurados decretaran un empate en las respuestas de dos o más autómatas, se plantearía un problema adicional, que debería ser contestado en un máximo de seis horas.

En la competición fueron inscritos exitosamente 138 autómatas, más de dos tercios de los cuales (96) provenían del planeta Tierra. Entre los 42 restantes, las granjas espaciales alrededor de Venus predominaron, con 29, las colonias en Marte inscribieron 7, y el resto pertenecían a distintas colonias, principalmente mineras, en la frontera de expansión al Cinturón de Asteroides. Fueron descalificadas 16 inteligencias artificiales antes de empezar el concurso debido a que Mayordomo, la inteligencia artificial que examinaba las rutinas de procesamiento de los competido-

res, descubrió distintos tipos de contaminación en la información proporcionada por sus grupos de apoyo, o irregularidades en el proceso de su socialización.

2

EL DILEMA PLANTEADO EN DETALLE

El problema planteado inicialmente en la competición consistía en predecir el comportamiento de Pedro I de Brasil (Pedro IV de Portugal) cuando las Cortes portuguesas le exigieron que retornara a Portugal. El texto completo de la pregunta era el siguiente:

“Cuando la corte portuguesa se enteró en noviembre de 1807 de que el ejército francés enviado por Napoleón planeaba conquistar Lisboa, la familia real huyó a Brasil, custodiada por la flota inglesa. Juan VI de Portugal, el rey en ejercicio, abrió los puertos de Brasil al comercio internacional, y permitió el desarrollo de la industria local, así como la creación de numerosas instituciones y servicios públicos. Después de la caída de Napoleón, y la liberación de las tropas francesas en la Península Ibérica, se creó en 1815 el Reino Unido de Portugal, Brasil y Algarve, con capital en Río de Janeiro, poniendo a Brasil a la par con su antigua potencia colonial. En Portugal se produjo en 1820 un levantamiento militar conocido como la Revolución Liberal de Oporto. Las Cortes portuguesas exigieron el retorno de la familia real a la metrópoli. Juan VI volvió a Portugal, pero dejó a su hijo Pedro en Brasil como regente. Las Cortes obligaron a Juan VI a jurar una constitución liberal, que limitaba la posibilidad de volver a una monarquía absolutista. Luego enviaron una orden de que se disolviera el gobierno

central en Río de Janeiro, y exigieron que Pedro también volviera a Portugal. Predice lo que sucedió después de ese momento”.

Además de la pregunta, las inteligencias artificiales pudieron acceder a un archivo con información histórica, entre 1801 y 1820, constituido por fuentes primarias, como la *Gazeta do Rio de Janeiro*, el periódico oficial de la corte portuguesa, el *Correio Brasiliense*, un periódico dedicado al mundo portugués editado en Londres, y otras publicaciones brasileñas que habían pasado la censura previa impuesta por la monarquía. También había transcripciones de las deliberaciones de las Cortes portuguesas, discursos de los diputados brasileños en las Cortes, así como una gran cantidad de información sobre el desempeño de Juan VI y otros miembros de la monarquía portuguesa durante su estancia en Brasil. Quizás con el propósito de confundir a los autómatas, el dossier incluía una gran cantidad de información sobre los procesos de independencia de las colonias españolas en Sudamérica.

3

LA PRIMERA RONDA DE LA COMPETICIÓN

La gran mayoría de las inteligencias artificiales (130) fueron eliminadas en la primera ronda del concurso. Casi el 64% (88) predijo que Pedro I sería tomado como rehén por fuerzas independentistas como las que habían iniciado revueltas en contra de la Corona portuguesa en 1792, y posteriormente liberado cuando se le concediera la independencia a Brasil. Un 22% (31) profetizó que Pedro I sería asesinado por conspiradores como los que iniciaron una insurrección contra Juan VI en Pernambuco en 1817. Un 11% (15) pronosticó que Pedro I lograría escapar y volver a

Portugal con ayuda de los ingleses, y solamente tres que se produciría el famoso “Dia do Fico”, es decir, que el príncipe heredero decidiría quedarse en Brasil desobedeciendo las órdenes de las Cortes portuguesas. Uno de estos autómatas provenía de Marte, uno de Ceres, y, el último, de la Tierra, pero el terráqueo fue eliminado cuando Mayordomo descubrió que había tenido acceso ilegalmente a información adicional *hackeando* una red de información de la universidad donde la habían creado, ya que en su memoria de procesamiento se encontró una cita de un supuesto intercambio entre Juan VI y Pedro I, en el cual el monarca, antes de volver a Portugal, le dijo a su hijo: “Pedro, si Brasil se separa de Portugal, es mejor que lo haga para ti, y no para uno de esos aventureros”. La frase, apócrifa, y seguramente inventada en el siglo XX, había sido citada por numerosos historiadores y por una enciclopedia de dudoso origen que la inteligencia artificial había usado, transgrediendo las reglas del concurso. Mayordomo certificó que los otros dos autómatas que habían llegado a la respuesta correcta lo habían hecho sin hacer trampas, por lo que se pasó a la segunda etapa, para determinar el ganador.

4

LA SEGUNDA RONDA DE LA COMPETICIÓN

En la segunda ronda se proveyó a las dos inteligencias artificiales finalistas con archivos históricos adicionales hasta el 13 de agosto de 1822, el día en que Pedro I delegó la regencia de Brasil en su esposa, María Leopoldina, antes de trasladarse a São Paulo, para apaciguar una potencial guerra civil. El dossier, ligeramente aumentado, incluía los primeros números del *Diário Constitucional de Bahia*, un periódico nacido en 1821 para promover la causa

independentista. La pregunta, en este caso, era predecir qué haría la emperatriz cuando se enterara de que Portugal planeaba iniciar una acción bélica contra Brasil, aprovechando la ausencia de Pedro I en Río, al comprender que no podía esperar que regresara su esposo. En este caso, de nuevo las dos inteligencias artificiales predijeron correctamente que la emperatriz recomendaría la independencia formal, lo que, en efecto, llevó unos días después al llamado grito de Ypiranga, la proclamación de la independencia de Brasil por parte de Pedro.

Les pidieron entonces, predecir las reacciones en Portugal sobre los eventos en la ex colonia, así como las condiciones económicas en que se reconocería la independencia. En este segundo caso, Maquiavellia predijo que Brasil aceptaría pagar una indemnización a Portugal, y hasta que se haría cargo de la deuda externa de Portugal con Inglaterra. Condorcetia, por otro lado, pronosticó graves perjuicios para la economía brasileña y la abolición de la esclavitud.

Aunque tanto Mayordomo como la mayoría del jurado humano se inclinaba a conceder el primer lugar a Maquiavellia, para asegurar que hubiera un claro ganador ante las dudas de algunos jueces terráneos, les permitieron a las dos finalistas interactuar entre ellas en un controlado debate. Cuando Condorcetia le preguntó a Maquiavellia si creía que Brasil se convertiría en varias repúblicas independientes, como había sucedido en las colonias españolas en Sudamérica, Maquiavellia respondió que eso era improbable, porque los delegados brasileños en las Cortes portuguesas comprenderían que podrían obtener más ventajas si actuaban en común. Maquiavellia le preguntó a Condorcetia cómo explicaba que la independencia hubiera sido de hecho propuesta

por María Leopoldina, cuñada de Napoleón Bonaparte, cuando Pedro estaba en São Paulo. Condorcetia no pudo responder de forma adecuada, ya que esgrimió la influencia de los masones en la corte. Maquiavellia explicó que tanto Pedro I como María Leopoldina y los asesores de la corte en el exilio habían comprendido que debía parecer que al mismo tiempo apoyaban posiciones políticas incompatibles, las ideas de la Revolución Francesa y la defensa de la monarquía, pero sin caer en la monarquía parlamentaria propuesta en la Revolución de Oporto. En otras palabras, los emperadores brasileños en ejercicio como regentes crearon un *sui generis* Bonapartismo 2.0, que les permitiría mantenerse en el poder, a pesar de tantas contradicciones ideológicas, porque, como en el caso del 'Dia do Fico', hicieron lo necesario, en el momento adecuado, para "mantener el estado", como recomendaba Nicolò Maquiavelo en su famoso panfleto *Il Principe*. En ambos casos, las decisiones tomadas parecían no ser las esperadas, a menos que se entendiera que los emperadores debían ser flexibles para lograr ese objetivo mayor.

5

LA CONTROVERSIA

El hecho de que ningún autómatas terráqueo fuera premiado generó una controversia sobre el tema elegido para la competición. Algunos historiadores solares argumentaron que, dadas las numerosas intentonas de independencia de las colonias fuera de la órbita de la Tierra, los entrenadores, sin haber mencionado esos temas, quizás habían enfatizado el ejemplo del proceso independentista de los Estados Unidos para entrenar a los autómatas triunfadores y, por ello, tal vez las inteligencias artificiales habían

tenido una injusta ventaja. Los organizadores respondieron que en el caso propuesto para la competición era tan importante predecir lo que sucedía en la metrópoli, en este caso Portugal, como lo que sucedía en la colonia, y por eso lo habían elegido. La misma argumentación podría haberse aplicado a los autómatas terrestres, que podrían haber usado los ejemplos de los errores de la Corona británica, que favorecieron la independencia de las colonias norteamericanas años antes de que se produjeran los hechos propuestos en Brasil. Miles de intercambios, acusaciones y contracusaciones se esgrimieron en defensa de una y otra posición, y se redactaron limitaciones en las bases para futuras competiciones. Sin embargo, las modificaciones nunca se implementaron, porque los concursos de este tipo fueron prohibidos en el Sistema Solar Interior. Cuatro meses terráqueos después del anuncio de los ganadores, la estrategia conjunta diseñada en secreto por Maquiavellia y Condorcetia para resolver la crisis de los impuestos sobre las exportaciones marcianas en la Corte Interplanetaria de Comercio generó una revuelta de los diputados marcianos y asteroidales. Pusieron como ejemplo que el 90% del centeno imperial cultivado en la Amazonis Planitia se exportaba a las colonias mineras alrededor de Ceres, pero se pagaban impuestos como si los granos se exportaran primero a la Tierra, y de la Tierra a Ceres. Algo similar sucedía, en sentido inverso, con los minerales requeridos para incrementar la infraestructura marciana. Usando las contradicciones de las distintas fuerzas colonizadoras terrícolas, la exitosa revuelta fue el factor decisivo en la proclamación de independencia del hasta entonces leal Protectorado de Marte. El acta de liberación fue firmada por los gobernadores de las siete colonias marcianas, y apoyada unánimemente por las compañías de colonización en el cinturón de asteroides.

The image features a dark green background with a large yellow sun in the upper half. The sun is partially obscured by a white outline of the map of Brazil. A white line representing a horizon or a path cuts across the middle of the image. The lower half of the image is filled with white, curved lines that suggest a landscape or a field. The text 'INDEPENDÊNCIA OU MORTE!' is written in yellow, bold, uppercase letters across the lower half of the image.

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Angela Drummond

O furto de uma frase para a abertura de um texto acontece com quase todo escritor. Foi assim com o jornalista Rubem Braga, quando copiou algumas palavras de uma canção de Noel Rosa para dizer: nasci, “modéstia à parte”, em Cachoeira do Itapemirim, pequena cidade do interior, e não em Vila Isabel, bairro do Rio de Janeiro, berço do compositor carioca. E, modéstia à parte, o que será contado agora pode elucidar um dos mais conturbados episódios da história brasileira, 200 anos depois.

A introdução desta narrativa é apenas a forma encontrada para pedir desculpas aos historiadores e justificar eventuais pequenos delitos que serão cometidos daqui para frente ao roubar uma informação e dar a ela um contorno diferente. Por isso, o retorno ao passado faz-se necessário para esclarecer o que em todo esse tempo foi contado, sempre com a ressalva de fato “não confirmado”, sobre um suposto problema gastrointestinal atribuído ao Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Gabriel Raphael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, o Pedro I do Brasil, justamente na ocasião em que ele gritou: “Independência ou morte!”

em Sete de Setembro de 1822, para libertar o Brasil do jugo de Portugal.

Em 1808, a Corte portuguesa desembarcou no Brasil, fugindo de Napoleão. A continental colônia foi, assim, catapultada a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves por Dom João VI, em 1815. Sete anos depois, a monarquia foi declarada. Na sequência dos acontecimentos, Dom Pedro I tornou-se Imperador do Brasil, coroado em 1.º de dezembro do mesmo ano em que proclamou a independência. Uma coisa levou a outra, e pronto, lá estava ele, à frente daquele embrião de grande nação, gerado pelo territorialmente minúsculo Portugal, que se agigantava por “mares nunca dantes navegados”, como tão bem descreveu o poeta português Luís Vaz de Camões.

Mas, ao que parece, não foi tudo tão simples assim. A evolução do problema digestivo do protagonista maior do Dia da Independência do Brasil sombreia o brilho épico do episódio na tela pintada por Pedro Américo, em 1888, em Florença, a pedido de Dom Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, o Pedro II, filho do primeiro. Intitulado inicialmente de “Independência ou morte”, o quadro acabou reduzido ao menos majestoso e não menos importante “Grito do Ipiranga”.

E o que realmente aconteceu? Uma dessas ironias do destino ou uma trama arquitetada por forças ocultas, tal qual descobrir terras na América do Sul durante uma viagem para as Índias, tido como acidente de percurso, mesmo com um desvio de rota grotesco para navegantes experientes. Ou, ainda, como escapar das

sanguinárias tropas francesas ao fugir para a colônia sob a proteção de frota inglesa e de seus piratas, nada confiáveis.

Tudo isso estava ligado ao que veio depois. Não era fácil viajar naqueles tempos, nem por terra nem por mar. A vida ficou difícil naquela nau com uma Corte apinhada, repleta de bagagens e piolhos. Dias e noites de enjojo e vômitos, pouca água e muita sujeira a bordo, com um rastro de dejetos em três longos meses sobre as ondas.

Destroçado, o rei português, em meio a tantas dificuldades, assim que pisou terra firme jurou que “nunca mais passaria fome”, e a partir dali adquiriu o hábito de comer frango todos os dias. Dizem que essa frase inspirou um romance épico, levado às telas no início do cinema a cores em 1939. Mas, vamos em frente, sem maiores abstrações. Pois bem, com a escassez da ave doméstica na colônia, de receitas criativas para melhor prepará-la, e imbuído da intenção de buscar alternativas para agradar ao pai, é que o “rapazinho brasileiro”, como era tratado em Portugal o jovem pouco apegado às formalidades e deixado para trás quando a família retornou a Portugal, decidiu inovar nesse quesito. As iguarias preparadas com galinhas, frangos e galos viraram uma mania para ele. Isso porque, nas novas terras conquistadas, a população preferia algo mais substancioso, como porcos, que, aliás, forneciam a banha necessária para o cozimento de alimentos. O azeite era um luxo que vinha de além-mar, já que oliveiras não se adaptavam ao clima da colônia.

Dom João VI havia retornado a Portugal em 26 de abril de 1821, quase um ano antes da Independência, e Pedro sentia uma enorme necessidade de manter-se próximo à família real. Se não

fosse pelas atitudes, seria pelo estômago. Apesar da distância entre o Brasil e Portugal, a forma encontrada para que filho e pai se entendessem melhor foi por meio de cartas repletas de problemas, mas temperadas com relatos de sabores da misturada e bem-sucedida culinária brasileira.

Enquanto pensava e divagava sobre essas novas possibilidades de estreitamento de laços, o príncipe regente seguia, no trote do cavalo, no caminho para São Paulo; de lá retornaria ao Rio de Janeiro para tentar resolver conflitos separatistas que estouraram aqui e lá. Mas, chegou atrasado. O movimento já havia terminado, e ele teve de se pôr em marcha para Santos, outra cidade daquela irrequieta província, que o fascinava por vários motivos, inclusive amorosos.

Cavalgar sobre a lama, cruzar montanhas e riachos em trilhas difíceis, e enfrentar peçonhentos diversos, com poucos pontos de parada para descansar viajantes e montarias, implicava em atrair um séquito de mosquitos. O contraponto estava na beleza do canto das aves e no zumbido dos insetos ao raspar as pequenas patas em suas asas, uma sinfonia, que décadas depois viriam a inspirar o maestro Antônio Carlos Gomes em suas composições e óperas exibidas na Europa sobre o inóspito e selvagem país.

A viagem que durou de 25 de agosto, dia da partida do Rio de Janeiro, até 5 de setembro, quando chegou a São Paulo, com a extensão para Santos, foi longa e cansativa. Mudanças na paisagem pelo crescimento de árvores, queda de galhos pesados e um desmoronamento, acabou por obrigar a comitiva a se desviar da trilha principal. Todos já exaustos no último trecho do percurso, chegaram a uma fazenda ao cair da noite. Pediram hospedagem

justo quando os proprietários, surpresos com a inesperada visita, tinham acabado de coar um café, partido um queijo e colocado na mesa broas de fubá leves como poucas, recém-saídas do forno de barro.

Dom Pedro I desmontou, entregou as rédeas ao cavaliço, que acompanhava a comitiva de pouco mais de dez pessoas, e entrou na sala principal, fixando os olhos na enorme mesa posta. Ali se quedou, exausto. Acolhido pelos proprietários, Manuel Vicente e Carlota, mesmo nome da sua mãe, a voluntariosa princesa espanhola Carlota Joaquina de Bourbon, sempre desconfiada das intenções por trás da proteção oferecida pelos ingleses, ele foi servido por uma das mais intrigantes criaturas entre as muitas que havia visto até então.

Silenciosa, toques leves e cheiro de jasmim. Roupas limpas e claras para uma serviçal de fazenda, o que, na verdade, ela não parecia ser. Apontou em direção ao quarto muito bem arrumado, moveu com graça os ombros, fez uma leve reverência sem dizer nada. Saiu em seguida e desapareceu como se em vez de andar, flutuasse sobre as tábuas largas do chão.

Enquanto isso, do outro lado do oceano, as cortes gerais e extraordinárias da Nação Portuguesa, instaladas em 1820 como consequência da revolução liberal do Porto, perseguiram a obstinada ideia de reduzir o Brasil ao que era antes, uma colônia, e não mais uma monarquia. E para informar sobre tudo o que se passava é que o mensageiro Paulo Bregaro, pessoa de confiança da família real, partiu para encontrar Dom Pedro I, o mais rápido possível, com duas cartas da sua esposa, a princesa Leopoldina, regente na

sua ausência, uma de José Bonifácio e outra do cônsul da Inglaterra, Henry Chamberlain.

Dizem os historiadores que uma das cartas de Leopoldina era sobre a Assembleia Constituinte, instalada em 3 de junho de 1822 para elaborar a primeira Constituição Brasileira, e que já reconhecia a independência do Brasil; a outra era sobre preocupações com a família. A carta de Bonifácio discorria sobre um manifesto que ele mesmo publicara em 6 de agosto, e que mais tarde o tornaria conhecido como o Patriarca da Independência. A quarta carta, assinada por Chamberlain, essa sim, de importância vital e que acabaria por revelar o que realmente levou o príncipe ao brado de “Independência ou morte”, o famoso grito do Ipiranga.

Pois bem, na fazenda em que estava hospedado, Dom Pedro ainda ignorava a gravidade dos fatos anteriores, que ameaçavam a Coroa, como a Inconfidência Mineira, em 1789, e a Revolução Pernambucana, de 1817. No dia seguinte, o príncipe acordou tarde. Com o ambiente acolhedor e a boa recepção, ele resolveu ficar um pouco mais na fazenda. Além disso, intrigado, ele queria conhecer o segredo do agradável aroma que vinha da cozinha, dissipando o cheiro ruim de ave escaldada e, quem sabe, ver de novo a misteriosa serviçal.

Dom João VI, em Portugal, adoraria experimentar essa nova receita. Que tempero maravilhoso seria aquele? Cebola? Certamente. Alho, em boa quantidade amassado com sal e temperos verdes especiais. Uma pitada de corante vermelho extraído de curiosa semente utilizada pelos indígenas para colorir o corpo, o urucum. Da carne branca sem graça ao dourado da gordura animal quente nos suculentos pedaços da ave bem cortada, coloridos

pela mistura do pó na medida certa. Tudo parecia um espetáculo à parte para Dom Pedro, que observava à distância.

O prato principal do almoço foi servido em panelas de barro, angu de fubá de moinho de pedra, um caldo borbulhante com um complemento especial, o ora-pro-nóbis refogado, folhas em tom de verde-escuro. Pedro se rendeu ao pecado da gula como fazia seu velho pai. Comeu até sentir muito calor. Isso, talvez, por causa de algumas gotas de pimenta-malagueta curtida na aguardente, a cachaça, produzida a partir da cana-de-açúcar.

Sujou as mangas como um marquês que trocou a casa por um título e se deleitou com a receita. Pedro perguntou todos os detalhes da comida e descobriu que era obra da mesma instigante pessoa que arrumara o seu quarto na noite anterior, mas estranhou a sua ausência. Silenciosa como da primeira vez, havia desaparecido. Talvez, para sempre, como ele constataria mais tarde.

Enfim, a hora de partir não podia mais ser adiada. A comitiva seguiu para Santos. Um sono pesado bateu depois do farto almoço, e a preguiça baixou no balanço do lombo da montaria. Uma leve dor de cabeça começou. Depois veio a dor de estômago. As entranhas retorcendo eram o prenúncio de uma catástrofe fisiológica. Um gole de água e nada. A situação piorava a cada légua. O suor escorria pelas costeletas. Na paisagem, pequenos riachos indicavam que Santos estava perto, e o rio Ipiranga já podia ser ouvido.

Mas eis que, de repente, surgiu do meio do mato, esbaforido, ninguém menos que Paulo Bregaro, o mensageiro obstinado na missão de entregar as cartas ao príncipe. À Guarda de Honra somaram-se outros pequenos grupos de acompanhantes que vie-

ram do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entre eles, o padre Belchior Pinheiro de Oliveira, religioso de forte influência política, da Congregação Jesuíta, que aguardava a comitiva sob a sombra de uma árvore.

Amigo da família real, ele tomou a frente na recepção ao recém-chegado, recebeu as cartas, e com a autorização do príncipe tratou de abri-las. Porém, antes mesmo de começar a leitura, Dom Pedro, que se sentia muito mal, escorregou do cavalo e foi levado até as margens do rio. Ali, suas forças se esvaíram. Com fortes dores abdominais, contorcia a musculatura de pernas e braços. Sentiu que a morte se aproximava.

Alguém gritou pela presença do padre - pelo menos, daria tempo para uma rápida extrema-unção -, que já ia correndo em direção ao rio com roupas pesadas e passadas torpes. Em uma das mãos levava uma carta aberta, a outra mão, com o punho cerrado parecia proteger algo precioso em seu interior. Não era nenhuma das cartas de Leopoldina, muito menos a de Bonifácio. Era a carta do cônsul inglês, o menor na hierarquia dos remetentes. A missiva alertava para uma possível tentativa de envenenamento previsto em algum ponto do caminho.

Todos os obstáculos da viagem, como o desmoronamento, os troncos caídos no caminho, o atraso na chegada a São Paulo e o desvio para a fazenda, faziam parte de um plano, de uma trama planejada com antecedência. No sabor do tempero, o veneno. A enfermeira inglesa, que estava no Brasil há alguns meses e havia sido treinada na arte de preparar pratos especiais de galinhas e frangos, foi a pessoa escolhida para assassinar o futuro imperador sem deixar vestígios. A família imperial seria dizimada depois

no Rio de Janeiro. E o Brasil voltaria a ser tratado como todas as demais colônias do continente africano, com estímulo a conflitos tribais e separatistas, fatiada, sem o brilho do ouro polido já presente em várias cidades brasileiras.

Henry Chamberlain, com a elegância peculiar dos lordes ingleses, e a eterna cobiça pelos metais, como ouro e ferro que tornaram a Ilha Britânica uma potência bélica, longe de fazer parte desse crime, acabou por descobrir o que tramava a Companhia das Índias Orientais. Criada no século XVII, era a rainha dos mares, e o complô armado escondia as pegadas de integrantes da própria corte portuguesa para impedir que o Brasil se tornasse parte da rota das caravelas e se fortalecesse como país independente, com a realeza portuguesa instalada na colônia.

A preocupação crescia à medida que os holandeses avançavam à frente da Companhia das Índias Ocidentais, forte concorrente, com presença consolidada nas ilhas do Caribe e o contato com os plantadores de cana-de-açúcar, a traçar rotas marítimas alternativas para os carregamentos de sacas do doce produto, para burlar os salgados impostos cobrados por atracar em Lisboa. A trama previa manter o fechamento dos portos brasileiros para as nações amigas e inimigas, o atraso e a ignorância que levam à submissão, como fez Dom João VI no início em manter o monopólio português.

Quanto à enfermeira, cumprida a missão, provavelmente já estaria no caminho de volta à Inglaterra em algum navio comercial. Os proprietários da fazenda pareciam mesmo não saber de nada. Aceitaram aquela pessoa em casa por indicação de um comprador

inglês de café em grãos das docas do Porto de Santos, como uma parenta de saúde frágil que não suportaria outro inverno europeu.

A ideia era de que tudo não passasse mesmo de uma desmoralizante e fatal diarreia, que ficasse para arranhar a posteridade histórica de personagem de tal importância na construção cultural de todo um país. Parte da Guarda Nacional retornou à fazenda, mas nenhum vestígio restou do suave anjo da morte que sabia como ninguém preparar uma galinha ensopada e trabalhar com esmero doses corretas de arsênico tanto para curar doenças como a sífilis quanto para matar.

Na carta do cônsul, porém, estava o alerta de que na capanga do mensageiro havia um pequeno frasco com o antídoto, que deveria ser ministrado imediatamente ao imperador em caso de se confirmar a suspeita de que uma enfermeira inglesa seria mesmo a pessoa indicada para a tentativa de homicídio e que os sintomas seriam semelhantes aos de um transtorno intestinal. Daí a corrida do padre Belchior, arfante, em direção ao imperador, assim que leu a carta e encontrou na bolsa do mensageiro o frasco com a solução à base de cálcio com fungos cultivados em água enferrujada para atenuar os efeitos do veneno.

Dom Pedro estava a salvo, mas conhecia o poder da Companhia das Índias Orientais. Por isso, decidiu renunciar a tudo, dos laços que o prendiam ao Brasil, porque também temia pela vida dos seus herdeiros, mulher e amante, principalmente, por Domitila de Castro, a Marquesa de Santos. Naquele momento decidiu que se afastaria de tudo para viver no Velho Mundo, e acalmaria a ganância da companhia internacional. Para isso, deixaria uma criança de cinco anos em seu lugar.

D. Pedro sentiu que o antídoto funcionava, já estava melhor. Lavou o rosto, ajeitou os cabelos, respirou fundo, desembainhou a espada, ergueu a voz e bradou: “Viva a liberdade, viva o Brasil separado, viva Dom Pedro. Nenhum laço nos une mais”. E retirou da blusa uma fina e simbólica fita vermelha. “Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será Independência ou morte”. Morte evitada pela perspicácia do cônsul inglês, que, diante da absurda hipótese, preferiu agir e não pecar por omissão.

O uso do veneno por parte de uma grande companhia poderia abrir espaço para outras tentativas de assassinato iguais, por isso era melhor abafar logo a ideia. As pessoas ali presentes juraram silêncio sobre o episódio e deixaram tudo tal como a versão contada, uma simples e pouco nobre dor de barriga. O cônsul tratou de levar adiante encontros diplomáticos secretos entre representantes de Portugal e da Espanha, países que controlavam a Companhia das Índias Orientais, para evitar desconfiança sobre os obscuros métodos que usavam para dominar o mercado.

Assim, pelo bem do Brasil, Portugal negociou maior proteção aos descendentes brasileiros da família real à custa de mais ouro, e Pedro I preparou a sua retirada de cena para deixar o filho aos cuidados de José Bonifácio. Mesmo longe da mãe, de quem sentia muita falta, Pedro II cresceu forte, saudável, culto, e promoveu maravilhas no Brasil por 49 anos.

Era conhecido como o Magnânimo. Porém, em 15 de novembro de 1889, um golpe militar o retirou do trono, proclamando República. O militar Deodoro da Fonseca se autodeclarou presidente do novo Brasil republicano, tendo como vice-presidente o marechal Floriano Peixoto. Esse foi apenas o primeiro de outros

golpes que se sucederam no país até o século XXI, a cada avanço em direção a se tornar um país soberano. Mas essa é outra história.

Com o passar do tempo, o confuso episódio às margens do Ipiranga foi publicado apenas pelo jornal fluminense *O Espelho*, em 20 de setembro de 1822 – diga-se de passagem, sem muita credibilidade. Até hoje, é a única fonte citada como referência histórica sobre a dor de barriga do imperador no Dia da Independência.

Dizem que o relato extraoficial partiu do próprio padre Belchior, que acabou ficando com as cartas. Por isso, ainda pairam dúvidas razoáveis sobre um assunto de tal gravidade, a trama de assassinato de um príncipe português pela Companhia das Índias Orientais, que envolvia integrantes da nobreza. Sabemos que os clérigos guardam segredos de confissões, porém também sabemos que Belchior não rejeitava uma – ou mais – jarra de vinho que, entre outros efeitos, lhe soltava a língua.

Se vivesse naqueles tempos, Rubem Braga, também um apreciador de vinhos, teria arriscado escrever uma carta a Dom Pedro I, como fez, anos depois, ao poeta Vinicius de Moraes, em “Recados de Primavera”, para contar ao amigo, que havia partido um ano antes, como estava Ipanema naquela estação. Noel Rosa teria composto um samba em grande estilo. Mas, nada disso aconteceu.

E entre o dito e o não dito, fica o cenário do quadro de Pedro Américo, com a certeza de que quem conta um conto aumenta um ponto ou, nesse caso, carrega nos matizes das cores e pinceladas com direito às licenças poéticas, que, “modéstia à parte”, costuma ser concedido aos artistas. Agora é a sua vez.



VENTOS DO ENTARDECER

Di Flores

Em tempos de exploração de corpos e tesouros alheios, em que a coroa lusitana ameaçava roubar a majestade do cocar e do turbante, ventos de uma nova era sopravam em Itaparica, na Baía de Todos os Santos. Indígenas e negros privados de suas humanidades levavam vidas de sofrimento e escravidão, mas também de inata resistência. Com pés e mentes acorrentados, sobreviviam a um regime colonial, sem deixar de batalhar por dias em que a liberdade passasse, enfim, a reinar. Do nascer ao entardecer, contrabandeavam sonhos e esperança de um mundo outro, sem opressores e oprimidos. Nas encruzilhadas de vida e luta de um Brasil colônia, remavam contra uma maré portuguesa que persistia em imperar em terras tupiniquins. Maria Felipa, uma personagem como tantas outras de histórias não contadas ou esquecidas, é o sopro forte que balança o pêndulo deste nosso relato, que faz dançar realidade e ficção.

Mulher corpulenta e de brio, uma herança ancestral de sua mãe África, aprendera a se manter de pé labutando nas barras do rio Paraguaçu, onde mariscava frutos que os mares e rios dividiam seu cuidado e nutrição. Vaidosa, também catava conchas para adornar seu pescoço e braços de uma negritude reluzente. Do mar, seus antepassados vieram no porão de navios, que exa-

lavam a morte, e do mar tirava a vida. Arrancados de seus berços, não havia diferença entre a existência de negros e de peixes.

Todo santo dia, Maria saía bem cedinho para a lida diária, quando ainda no horizonte os primeiros raios de luz ensaiavam tocar a face das águas, que ela imaginava ser do mar vermelho de sua terra natal. Quando se distraía a contemplar as ondas do mar quebrando na baía, seus olhos negros também se inundavam de água salgada ao cogitar uma vida além-mar. Seus pensamentos, em instantes de um suspiro, nadavam como golfinhos nas correntes da saudade de um lugar encontrado nas estórias contadas por sua mãe. Eram estórias de reinos de natureza farta, cores vibrantes, gente livre, e de rainhas e reis de uma nobreza não sustentada pela força, mas pelo peso da tradição.

Iansã (Oiá), mãe do entardecer e rainha do fogo e dos ventos, iluminava sua cabeça e destino. Gemia em dor, mas nem por isso deixava que o sofrer cotidiano roubasse seu apetite de viver. Era mulher forte e guerreira. Para se defender, e sorrir, aprendera a arte da capoeira, praticada no pouco tempo livre. A sua ginga era como as brisas do Sul, aperfeiçoada pela arte de caçar caranguejo-uçá, de quem tinha que saber se desvencilhar das ligeiras puãs. Na roda, não receava mostrar suas partes mal abrigadas sob saias rodadas feitas de fibras de algodão cru, trocadas no mercado pelos mariscos que se embaraçavam em suas armadilhas de pesca. Quando do seu útero, o prenúncio de vida esvaía em suas vestes, as lavava nas mesmas águas que tirava seu sustento e de suas crias. Ao mirar seu sangue fértil sendo carregado pela correnteza, fantasiava-o alimentando outras existências rio abaixo. A batida firme do tecido na pedra, ritmada com o labor de outras lavadeiras, era acompanhada por cantigas que falavam de outros tempos

e mundos. Não eram canções de hoje; navegaram de muito longe, fundindo línguas e tradições, suas e de outros. As suas vozes, em coro estridente, eram de tamanho fascínio que as sereias eriçavam suas guelras em curiosidade vigilante.

Maria possuía olhos firmes, ouvidos apurados e uma língua afiada como sua peixeira. Não perdia uma só oportunidade de vigiar os burburinhos de rebeldia que brotavam nas praças; agitações que germinavam não como ervas daninhas que contaminam plantações, mas como trevos da sorte que profetizam equilíbrio. Em meio aos tumultos, estava lá junto, maquinando com a subalternidade o tão esperado momento da libertação. Petulante e corajosa, colocava seu corpo a serviço daqueles que considerava seu povo: indígenas que aqui reinavam antes das invasões; e homens e mulheres enraizados na nova terra, fossem aventureiros, diaspóricos ou descendentes desses, frutos de paixões e de abusos. A favor de si e dos seus, guerrilhava com as armas que lançá-lhe sussurrava e provia: mariscava informações nas rodas de capoeira, seduzindo soldados da coroa; e com a mesma habilidade, tramava e participava de emboscadas a embarcações, minando o suprimento das forças intrusas. Nunca andava só; era protegida por seus Orixás e rodeada de mulheres que a seguiam como farol na tempestade. Maria era inspiração, quase uma divindade em corpo de gente. Chegava nos lugares como ventania, insuflando a promessa de um novo amanhã.

Nos idos de 1822, os ventos de uma nova estação atingiam com força o sudeste brasileiro, de onde os primeiros gritos de independência ou morte ecoavam em brado retumbante. No entanto, ventos insurgentes resistiam em algumas províncias do Nordeste. Muitos portugueses não aceitavam ser desmamados das tetas far-

tas da coroa. O seu leite branco e nobre enchia-lhes as barrigas e os bolsos. Para manter a soberania lusitana e seus privilégios, essa resistência europeia reuniu uma esquadra de guerra para invadir a Baía de Todos os Santos. Os navios apontaram suas velas numa tarde em que o céu estava rosado em áureo esplendor. Ao olhar para o alto, especulavam se indicavam as cores dos sangues negro e indígena a jorrar de suas baionetas. Cegos por suas arrogâncias, não esperavam forças contrárias que não pudessem subjugar, crentes em Deus cristão e em São Jorge. Em solo firme, aliados e inimigos os aguardavam. Para os nativos, a liberdade da nação era inegociável, e sangrariam por ela mesmo se preciso fosse. Maria e seu grupo de mais de quarenta pessoas estavam preparadas para recebê-los. Segurariam em seus punhos as armas dos povos oprimidos: peixeiras que usavam para limpar o pescado; foices e enxadas utilizadas no trato do roçado; arcos e flechas feitos de madeira, cipó e penas; bordunas e pedaços de pau enrolados em espinhos e arames; e até feixes de plantas urticantes, conhecidas pelos povos indígenas e negros como cansanção.

Antes do inevitável confronto, uma guerra fria se estendera por dias. Cada parte espreitava e matutava a hora certa de atacar. Os aliados lusitanos, em terra, defendiam o porto à espera do reforço naval, enquanto os defensores da liberdade se organizavam em segredo. O combate exigia nervos de aço, e Maria os tinha: um legado da escravidão. Ao observar os primeiros navios a rasgar o véu do horizonte, imediatamente convocara seu grupo. As mensagens eram transmitidas em lombos de mulas, canoas de pesca, pombos correios, e até por sinal de fumaça, que seguramente os indígenas avistariam mesmo do interior das matas. Os tambores dos terreiros também anunciavam a notícia, entoados pela energia de Ogum, senhor da guerra. Era um convite à grande batalha, o

momento da libertação. Para sustentar toda essa gente na iminência do ataque, Maria e seu grupo já haviam deixado tudo preparado: farinha de puba, feijão preto, toucinho salgado, e muito peixe e marisco frescos. A bebida seria trazida pelos indígenas – uma mistura fermentada de mandioca e milho cozidos, mastigados pelas mulheres e depositados em potes de cerâmica. Conhecido por cauim, é comum entre as etnias indígenas brasileiras, desde antes de Colombo e Cabral. Enriquecida com sementes e frutos, a bebida embalava seus corpos nos rituais em volta da fogueira e daria ânimo aos guerreiros na luta vindoura. Reunidos, Maria retomara seu plano estratégico: enquanto ela e as mulheres entreteriam os soldados em chão – com seus cantos e encantos –, os homens dariam conta de incendiar os navios canhoneiros atracados na ilha.

Revelado a Maria num jogo de búzios, finalmente, chegara o grande dia. O céu carregado de nuvens e cortado por raios e trovões era o sinal de lansã. Naquele dia, Maria acordou com vômitos, suspeitando da água ardente que bebera no dia anterior, ou talvez pela emoção da batalha. Ignorou o mal-estar e se vestiu, enrolando seu turbante estampado, que escondia, entre seus cabelos crespos, um punhal banhado em veneno. Ao ajuntar seu bando, rememorou a tática de guerra aos gritos: “Vambora meu povo, não tenham medo! Oiá vigia nós, e a vitória há de ser certa. Viva a liberdade! Viva a independência da nossa Baía!”. A sua voz, como um raio que transa com a terra, fez rufar os tambores e abraçar os ânimos da multidão. Maria e suas companheiras, então, seguiram em marcha firme em direção ao forte, onde os rivais acampavam em vigília. Arrumadas como em dia de festa, cheiravam a leite de rosas e ervas, preparadas com ciência pelas mais velhas. Os corpos das mulheres negras brilhavam embebidos em óleo de palmeira, e o das mulheres indígenas cintilavam o vermelho vibrante

do urucum. Os seus jeitos faceiros e os seios fartos e à mostra se encarregariam de prender a atenção dos olhos famintos dos hostis. Nas cabeças, carregavam cestos de cipó contendo bolos de fubá e cauim, que serviriam aos homens como isca. Camuflados em fundos falsos, chicotes de cansação repousavam em natural ardor. Ao cair da noite, os oponentes já estavam emaranhados e confusos como peixes fora d'água. Enredados pelo desejo, tornaram-se reféns das mulheres e de seus perfumes.

De repente, um raio lumiou o céu seguido de um trovão que fez o chão tremer, avisando a Maria do ato final. Como relâmpago, as mulheres engoliram seus risos falseados, sacaram os galhos de cansação de seus balaços, e se puseram a sorrir os portugueses que, aturdidos, rolavam na areia coçando seus corpos tomados por manchas vermelhas. Com o efeito do álcool e a irritação em suas peles, mal conseguiam se manter de pé, mas não todos. Um deles, em sobressalto, agarra Maria e tenta violentá-la. Imobilizada, lembrara-se do punhal oculto em seu turbante. Agindo em defesa própria, saca a arma e estripa o homem, limpando a sujeira em sua saia rasgada. Enquanto isso, do alto da tempestade, Oiá dançava imponente envolta em raios que atingiam as embarcações, arrastando-as para o fundo do oceano. As que não afundavam, recuavam com seus cascos e orgulhos chamuscados. Da beira do porto, o mar parecia queimar em chamas, e de lá Maria celebrava a vitória do seu povo, também com o coração queimado de um ansiado gozo. Olhando para o futuro, sentiu um redemoinho surgir em seu ventre, levou a mão ensanguentada à barriga e confirmou uma nova vida em movimento. Maria Felipa estava grávida do amanhã; estava grávida de uma utópica liberdade.



O RELÓGIO DA LIBERDADE

Claudia Cristina Gueffi Faga

Deve ser por isso que a professora Nilde chamou sua mãe para conversar na escola. Você mistura muito as coisas! Fatos são fatos e imaginação...

— Não, Marcelo, não é isso. Sei bem a diferença entre realidade e fantasia!

— Mas, afirmar na frente de toda a classe, que você pulou “amarelinha” com Maria da Glória, a filha de Dom Pedro I e de Dona Leopoldina? Aí já é demais, hein?

— Posso provar! Por isso que te trouxe aqui no porão, para contar um segredo secretíssimo e provar que não minto. Mas, espere só um minutinho!

Joana subiu as escadas do porão correndo. E correndo, chegou à cozinha, tomou um copo de água e colocou as orelhas atrás da porta para ouvir o que a mãe conversava com seu avô na sala de estar. Mesmo falando baixo e abafado, Joana ouviu a conversa:

— A culpa é sua, papai! Incentiva a menina quando lê as histórias que estão nos livros. Agora deu para falar da Independência do Brasil!

— Ora essa! A culpa é minha? — Soltou uma gargalhada. — Carla, deixe a menina sonhar, que mal tem nisso, minha filha? — disse conciliador.

— Tem mal, sim. A professora deu uma nota baixa na prova, e ela virou piada entre os colegas de classe. Sem dizer... sem dizer que ela pode estar perdendo o juízo, se me entende. Ah! Pai, tenho medo de que tanta imaginação acabe prejudicando ela.

Joana desceu para o porão como um raio. Marcelo, seu colega de classe e melhor amigo, observava o velho relógio de coluna, construído em madeira nobre e talhado em detalhes com motivos florais. Era grande, largo, parecia um armário, com gavetinhas e prateleiras decorativas nas laterais. Estava encostado no canto mais escuro do quarto. Apesar de o porão ter uma janela, a luz natural não iluminava aquele lugar.

— Esse relógio dá um certo medo, não dá? — Marcelo comentou assustado.

— Não é um relógio.

— Não? Como assim? Parece ser um relógio antigo.

— Primeiro, promete que guardará segredo. Promete!

— Tá bom, prometo.

Joana encarou-o como se quisesse ter a certeza de que ele era sincero.

— Não é um relógio antigo. Na verdade, é uma máquina do tempo. Foi meu avô quem fez. Ele é muito inteligente e inventor. Parece que faltou algumas peças para terminá-lo, mas eu sei que funciona perfeitamente.

Marcelo olhou para a amiga com ar preocupado.

— Cara, não quero te assustar, mas acho que você tá maluca!

— Venha comigo. Vou te provar. Você jamais poderá contar sobre esta aventura para ninguém, ninguém, ouviu bem? Ah! E seja corajoso, pois se mostrar fraqueza a máquina não funciona. Venha! Entre! Cuidado com a barra de madeira na base do relógio!

— Entrar no relógio? — De boca aberta, Marcelo encarou a amiga.

Joana abriu a porta de vidro e entrou na grande caixa de madeira. Retirou o fundo falso e percorreu um corredor pouco extenso. Entraram numa sala redonda e pequena, sem janelas, e se sentaram num tapete. A menina carregava o mostrador do relógio, que estava um pouco retorcido, e o colocou entre ela e o amigo.

— Uau! Que lugar é este? Estamos dentro do relógio?

— Veja, Marcelo, este é o mostrador do relógio. Ele está assim, um pouco retorcido, mas é aqui que está a magia! Ele funciona como um painel de controle, se girarmos os ponteiros, seremos transportados para outra época.

— E como os ponteiros sabem aonde ir? — perguntou intrigado.

— Ah! Isso é fácil. Quem mexe os ponteiros consegue se transportar para onde estiver seu pensamento. Por exemplo: segure a minha mão!

Joana fechou os olhos e expressou seu desejo com uma careta. Marcelo riu da pantomima e, mesmo sem notar nenhum mo-

vimento, sentiu uma leve tontura e percebeu que estavam em um outro lugar e em outro tempo.

— Co... como você fez isso? Onde estamos? Por que trouxe o mostrador do relógio com a gente? — Marcelo, ainda atônito, fazia muitas perguntas.

— O mostrador do relógio é o nosso leme, nossa bússola, nosso painel de controle, se lembra? Agora vem, estamos em cima da hora! — Joana puxou Marcelo pela mão.

A poucos passos de onde estavam, avistaram um homem saindo de trás de uma moita, às margens de um riacho. Estava pálido e colocava as duas mãos sobre a barriga. Joana foi correndo ao encontro do homem:

— Príncipe! Príncipe Dom Pedro, tenho um recado urgente para o senhor!

— Menina, agora não é um bom momento para brincadeiras. Cadê sua mamãe? — respondeu o homem com a cara contorcida.

— Meu Deus, é... não é? É ele, Dom Pedro I, o Imperador do Brasil? — Marcelo se espantou. Estava um pouco diferente das ilustrações dos livros, mas era ele!

— Ainda não! Neste momento, ele é só o príncipe regente, mesmo! — e virando-se para Dom Pedro I, disparou:

— Senhor, senhor, por favor, me ouça, o senhor não tem mais tempo. De Lisboa, mais de sete mil soldados embarcaram rumo ao Rio de Janeiro, para esmagar os partidários da independência e afastar o senhor da condição de príncipe regente, como punição pelos seus repetidos atos de rebeldia contra as Cortes de Portu-

gal! O senhor deve proclamar a independência do Brasil e a separação de Portugal imediatamente. Ouviu bem?

Dom Pedro sorriu para a menina com piedade, mantendo ainda uma forte expressão de dor em sua face.

— Cadê sua mamãe, meu bem? Não é hora para brincadeiras!
— falou, curvando-se para estar na altura de Joana.

Mal teve tempo de se endireitar, apareceu no horizonte um cavalo, a todo galope. Depois, outro mensageiro tentava alcançar o príncipe regente. Os dois traziam o mesmo conselho: tornar-se rei ou imperador do Brasil, já que a outra opção era voltar para Portugal e se tornar prisioneiro das Cortes, opção nada digna para o herdeiro do trono de Portugal.

Ao terminar de ler os dois bilhetes, Dom Pedro, espantado, se girou procurando a menina, mas ela e seu amigo não estavam mais ali.

— Como aquela criança sabia do que estava por vir? — pensou em voz alta.

— Perdão, Alteza, o que dissestes?

— Nada, nada. Façamos o seguinte...

Por pouco Dom Pedro não viu Joana e Marcelo desaparecerem como mágica. A menina tinha girado os ponteiros do mostrador retorcido pensando no bairro de Pirajá, em Salvador, na Bahia.

— Nossa! Nem acredito que conheci Dom Pedro I, que estive com ele cara a cara! Muito emocionante! Que da hora! Ei, onde estamos? — Surpreendeu-se Marcelo ao notar que não havia mais

riacho e vegetação ao redor, mas casas e muitas pessoas feridas, amparadas por outras que gemiam, sangravam e mancavam.

— Estamos em pleno bairro de Pirajá, em Salvador, na Bahia, que em 1823 era chamada de província. Nunca ouviu falar na Batalha de Pirajá pela Independência do Brasil? — Joana perguntou.

— Como? Teve guerra no Brasil por causa da Independência? Nunca tinha ouvido falar disso. Para mim, Dom Pedro I desembainhou a espada às margens do Ipiranga e proclamou a Independência. E isso foi tudo! — Marcelo respondeu com certa estranheza no olhar.

— Sim, pois saiba que teve muitos conflitos e batalhas em alguns lugares, principalmente no Norte e Nordeste, para que Portugal reconhecesse a separação do Brasil, e a Bahia foi o estado que mais lutou contra os portugueses após a proclamação da Independência. Você precisa ler mais, hein, Marcelo. Mas, vamos, não temos tempo a perder. Temos que evitar o fracasso desta batalha para os brasileiros!

De novo, Joana pegou a mão de Marcelo e o levou para o quartel que estava ali perto. Encontraram Luís Lopes lustrando a corneta no seu aposento. Ele era o encarregado de se comunicar com a tropa brasileira através do instrumento.

— Olá Luís Lopes, como vai? O meu nome é Joana e tenho uma mensagem muito importante para você. Em alguns segundos, você receberá uma ordem do seu superior, se não me engano, do Major Lacerda, para dar o toque de retirada das tropas, pois ele pensa que esta batalha está perdida, mas você fará exatamente o contrário, você dará o toque de “cavalaria, avançar e degolar”, ouviu bem?

Luís Lopes arregalou os olhos com surpresa e se engasgou várias vezes ao tentar responder à menina. Ao ouvir tal ideia absurda, apenas conseguiu dizer:

— Mas, não há nenhum regimento de cavalaria neste quartel!

— Ah! Mas, os inimigos não sabem disso! Esta é uma velha tática de guerra, surpreender o inimigo! Além disso, todos pensam que os brasileiros já perderam mesmo! Vai por mim, eu sei que vai dar certo! Está escrito nos livros! — respondeu Joana confiante.

— Mas... mas... — Luís Lopes gaguejava enquanto colocava seus olhos esbugalhados ora em Marcelo ora em Joana.

Nesse instante, um mensageiro chegou esbaforido, e mandou que o corneteiro soasse o toque de recuar, que aquela era uma ordem direta do Major José de Barros Falcão de Lacerda, que temia o massacre dos brasileiros.

Ainda mais atônito, Luís Lopes pegou a corneta, deu uma última lustrada com a flanelinha e soltou o som. Visivelmente confuso, deu o toque que Joana havia recomendado. Quando se voltou para a menina, ela não estava mais lá.

— Ei, Joana, você pode, pelo menos, avisar quando vai girar os ponteiros, poxa! — reclamou Marcelo.

— Ainda estamos na Bahia, mas em outra época. Sabe como é a história, não sabemos exatamente quando as coisas aconteceram ...

— Espera! — Marcelo interrompeu. — Afinal, o que aconteceu com o Luís Lopes? Por que não esperou para ver no que ia dar?

— Ah! Você não sabe também? Deu tudo certo, meu amigo! Os portugueses, ao ouvir o toque de “cavalaria, avançar e degolar”, fugiram assustados e com muito medo. A vitória foi dos brasileiros! É claro que muitos acham que esse episódio é uma lenda, mas nós sabemos que não, não é?

— Quantos fatos interessantes têm a história da Independência do Brasil! Também nunca tinha ouvido falar nessa! E agora? Onde estamos? — Marcelo quis saber.

— Bem, ainda na Bahia, mas em outro momento. Aqui vamos conhecer uma das heroínas do Brasil, a Maria Quitéria.

Joana olhou para a cara de interrogação de Marcelo, constrangido.

— Também nunca ouviu falar dela, não é? — Joana se adiantou. — Maria Quitéria de Jesus Medeiros foi a primeira mulher a se alistar nos batalhões de voluntários para lutar pela guerra de Independência. Cortou os cabelos e se vestiu com uniforme de homem, pois naquela época as mulheres não podiam entrar no Exército. Ela foi descoberta, mas continuou no batalhão, porque manejava muito bem as armas e era muito corajosa. Foi até condecorada com a Ordem do Império por suas façanhas.

— Uau! Quer dizer que também temos uma Joana D’Arc? — perguntou Marcelo.

— Psiu, estamos nos aproximando. Mas, olha, parece que ela está chorando! — Joana reparou.

Joana tossiu de propósito para não assustar Maria Quitéria, que estava sentada num banco do pátio interno do batalhão. Ma-

ria Quitéria levantou o rosto e enxugou rápido as lágrimas, achando que algum soldado se aproximava.

— Não se assuste, Maria Quitéria! O meu nome é Joana e este é o Marcelo. Somos seus admiradores. Mas gostaria de saber... por que você estava chorando?

— Olá amiguinhos! Não sabia que as crianças podiam entrar no quartel. Bem, não é nada, Joana. É que...

— Fale, talvez a gente possa te ajudar! — reforçou Joana.

— Meu pai não aceitou nada bem que eu me alistasse no batalhão de voluntários. Está de cara fechada comigo, acho que não quer me perdoar. E eu só me alistei porque vi a dificuldade do nosso querido Imperador para conseguir navios e homens para engajar na luta por nossa independência. Aqui na Bahia, as forças portuguesas estão concentradas com o único objetivo de derrotar os brasileiros. Fiz isso pelo Brasil e não por vaidade. Mas papai, orgulhoso, não aceita minhas razões. — explicou Maria Quitéria, enxugando as lágrimas que caíam de seus olhos castanhos.

— Ah! Mas isso é fácil de resolver! Você ainda será recebida pelo Imperador para ser condecorada, não é?

— Sim, como sabes? — Maria Quitéria se espantou.

Joana ignorou o comentário da brava voluntária e se sentou ao seu lado no banco:

— Quando você estiver frente a frente com Dom Pedro, peça a ele que intervenha por você junto ao seu pai, que mande um bilhete implorando que ele te perdoe. Ouviu bem? Não é uma boa ideia?

O rosto de Maria Quitéria se iluminou. Ela abriu um sorriso de felicidade, abraçou a Joana e disse:

— É uma excelente ideia. Quem pode recusar um desejo do nosso Imperador Dom Pedro? Com certeza, meu pai me perdoará e esquecerá toda essa mágoa, se ainda tiver alguma em seu coração!

Maria Quitéria se levantou do banco e afagou os cabelos de Marcelo. Joana olhou para o amigo e reparou como ele olhava para Maria Quitéria com um certo ar de bobo, como se estivesse apaixonado. Não percebeu, mas seu coração se encheu de ciúmes. Girou de novo os ponteiros do antigo relógio, desta vez, estabanaada e, num segundo, estavam de volta à sala minúscula.

— Eí? Como você some assim da frente dela? Justo quando Maria Quitéria ia me dar um beijo no rosto? — reclamou Marcelo, furioso — Ficou com ciúmes, não foi?

— Deixa de ser exibido, Marcelo. Foi alguma coisa errada aqui nos ponteiros! — Joana tentou disfarçar.

— Tô sabendo! Olha, essa invenção do seu avô é maneira! Tenho que contar pra todo mundo! Você não pode ter tanta sorte de ter uma máquina tão poderosa e esconder ela dos amigos, da escola, do mundo!

— Não! Você não pode fazer isso, Marcelo. Você prometeu guardar segredo! Só mostrei a máquina do tempo para te provar que eu falava a verdade quando disse que brinquei com a filha de Dom Pedro I. Só por isso!

— Mas não é justo! Você tem uma joia rara no seu porão! Já imaginou tudo o que podemos aprender viajando ao passado ou

ao futuro? — gritou. — A ciência! A ciência precisa saber dessa sua máquina maravilhosa!

E sem falar nada mais, Marcelo saiu correndo do cubículo e entrou no pequeno corredor em disparada. Joana ainda tentou alcançá-lo.

— Cuidado, Marcelo! Marcelo! — gritou.

Mas, o amigo não ouviu nada. Tropeçou na barra de madeira da base do relógio e caiu, batendo a cabeça no chão. Com o barulho, o avô Miguel desceu apressado as escadas do porão:

— O que aconteceu, Joana? Minha nossa, o Marcelo caiu!

Joana estava aflita. Com a ajuda do avô, ela acudiu o Marcelo, virando-lhe de barriga para cima:

— Vovô, ele saiu correndo dizendo que ia contar para todo mundo sobre a máquina do tempo. Tentei impedir, mas ele não me ouviu. Disse que a ciência, que a ciência... e acabou tropeçando. Não tive culpa, eu...

— Tudo bem, querida. Busque um copo com água e avise a sua mãe.

Quando Joana voltou com o copo de água, Marcelo estava recobrando a consciência. Carla veio logo em seguida:

— Marcelo? Você está bem? O que aconteceu? — A mãe de Joana quis saber.

Joana explicou apenas como Marcelo caiu e não o porquê. Joana temia que Marcelo contasse a verdade sobre todas as experiências que tinham acabado de viver juntos.

— Estou bem, dona Carla. É só que... — Colocou a mão na cabeça. — Tive um sonho estranho... sonhei que me encontrava com uma tal de Maria Quitéria e com um cara chamado Luís Lopes... um sonho muito estranho.

Joana olhou para o avô, que sorria de volta para a neta. Pensou que aquela era uma boa justificativa para dar ao próprio Marcelo, se ele recuperasse a memória. Ele apenas tinha sonhado com tudo aquilo. Boa desculpa! E Marcelo continuou:

— É engraçado, esse sonho me mostrou que sei muito pouco sobre a história da Independência do Brasil. Deu vontade de ler mais sobre esse assunto, saber mais detalhes. É o que vou fazer quando chegar em casa! — sentenciou.

— Vamos, então, Marcelo. — Carla o ajudou a levantar-se. — Vou te levar para casa e conversar com sua mãe sobre o ocorrido. E olhando com rigidez para o pai, ordenou: — E o senhor, papai, conserte logo essa máquina que nunca fica pronta! Vive aqui embaixo com esse relógio que nunca funciona direito! — Terminou a bronca no pai, subindo as escadas do porão com o Marcelo.

O avô Miguel olhou para Joana. Os seus lábios acompanharam o sorriso dos seus olhos. Com um contentamento secreto, deu uma piscadela para a neta, deixando escapar entre os dentes:

— Relógio? Sei.

A stylized illustration featuring a large yellow sun with radiating lines, partially obscured by a dark green silhouette of a fish. The background is dark green with white geometric lines and shapes, including a yellow horizontal band. The overall style is graphic and modern.

**EL PEZ MUERE POR LA BOCA
Y EL HOMBRE POR LOS CULHONES**

Rogério Amaral de Vasconcelos

1

Ele estava ladeado por várias bandeiras, que parcialmente o escondiam, no afã tedioso de jogar migalhas de pão embebidas em pinga aos pombos, contando quantos desabavam no gramado lá embaixo. Ou pintavam de vermelho o mármore dos leões alados que orlavam os cantos do palácio oitavado.

Para Pedro, aquela era sua gaiola. O que pudesse fazer para quebrar a rotina, romper ou contornar o tédio, não titubeava em cometer. Mesmo como príncipe regente, depois da estratégica debandada do pai, os assuntos administrativos na nova capital pouco o atraíam. Preferia, mais, as escapadas com Chalaça para as rodas de capoeira e, a carne é fraca, as mulheres!!

Parecia que o Santíssimo ouvia seus pensamentos... ou podia ser o também entediado diabo.

2

Debruçado, quase inteiramente no parapeito, no arco da maior janela, após mais um pombo bêbado tombar no destino da sorte, foi quando a reconheceu, ela e o cão que marchavam lado a

lado. O coração disparou no peito tapado pela curta casaca verde e não o torso nu, como convinha o decoro burguês. De imediato, assustando os burocratas no salão de piso axadrezado, começou a chamar a figura esguia lá embaixo. Ela vestia um traje masculino roxo nada convencional, inclusive para a ruiva sinuosa cega, mantendo um enorme lébrel escocês malhado pela coleira.

Daí foi impossível não agir por outros meios.

Há três anos não via Adèle, desde Montevidéu. Com a morte inesperada de Antônio, o irmão, soube que se tonara príncipe herdeiro exatamente naquele dia, em terras estrangeiras. Quando uma vidente charrua, na festa reservada na propriedade do governador, o introduziu no *cannabis*, sua vida ganhou outro sentido. Era difícil sepultar aquela lembrança, pois a partir dali suas convulsões e dores de cabeça pararam de afligir.

Saindo da ala oeste do prédio de três andares, todo cheio de vitrais e facetas, fazendo por merecer o nome Palácio de Cristal, Pedro ignorou o Marechal Aníbal Bingen — que ele chamava de Sombra —, chefe do gabinete, ao partir no encalço da presa.

Pela longa rampa que descia em dois lances, atropelando carinhos lotados de correspondência diplomática, atingiu a base do prédio justamente onde queria: o acesso ao pátio das carruagens, atrás do Palácio.

Encontrou as quatro patas do cão grande como um pônei e os saltos altos dos sapatos da Viscondessa Adèle Inez Tereza Cajamorra Burrones Battaglia bem na orla do estacionamento, quase entrando no Jardim Botânico no outro lado. A exótica mulher de ascendência ignorada somente parou para deixar cair algo, antes de sumir no labirinto de orquídeas.

Embalado pela visão, o príncipe ignorou o retalho de seda caído no chão, próximo a um banco de pedra. Preferiu investir meia hora procurando a mulher e o imenso cão, que pareciam engolidos pela mata trepada no paredão montanhoso. Com a vinda de reforços enviados por Sombra, preocupado com a fuga do regente e seu comportamento transtornado, as buscas se encerraram quando não havia mais luz natural e os candeeiros a óleo começaram a ser acesos.

Descabelado, o traje rasgado em alguns lugares, um corte no braço, as botas enlameadas, Pedro de Alcântara retornou ao banco de pedra e achou o lenço onde o vira cair.

Então não foi um sonho...

Pedro sentiu o perfume cítrico antes mesmo de tocar na seda, ligeiramente úmida pela névoa que descia rápido na região serrana. Mal percebeu a aparição do marechal materializado ao lado, justificando o apelido, logo se afastando e deixando o próprio capote pesar sobre o protegido.

Fios de ouro nas bordas, combinados com monograma da nobre, podiam ser vistos adornando o lenço amarelo. Mas, aquilo que o fez arriar, realmente abatê-lo no assento de pedra, trazendo uma velha conhecida dor como um punhal penetrando-lhe pela nuca, foi o que estava bordado no lenço. Em letras floreadas, que passaram a se tornar turvas à medida que lia o conteúdo, trouxeram ao príncipe uma recordação latente:

El pez muere por la boca y el hombre por los culhones... Y ahí vamos...

Isso também o remeteu àquela festa no Uruguai.

3

“Por mais nobre que o homem seja, todo ele se degrada um dia, sendo corrompido, Alteza. Pode não ser o dinheiro o rastro de pólvora da cobiça. Ou o desejo carnal e os pecados mundanos. Apenas resta saber o que move o ser humano para aquele trampolim na beira do precipício. E o que o leva além, a ultrapassá-lo, caminhar na prancha do destino, até não haver mais onde caminhar, senão a queda”, o português da mulher era perfeito e parecia inesgotável, quando completou: “A diferença é que alguns, meu querido, correm para o abismo. Outros, como vossa alteza, são arrastados para ele. Não se constranja. Seu vício não é vergonhoso. Poderia se mostrar até bem singelo se, perante seu elevado código de conduta, sempre pautado pelo exemplo, não da moralidade e sim da hombridade, não fosse indesculpável por longo prazo. *Y ahí vamos*”.

Ao dizer aquelas últimas palavras, a visão do príncipe herdeiro se turvou. A frase, significando “E assim vamos nós” ou algo parecido, funcionava como uma alavanca, acionando uma resposta neurológica. Ao acordar, estava no leito com a ruiva cega, com o cão montando guarda na porta, como olhos externos inescapáveis.

Para todos os efeitos o feitiço só acometia os fracos.

4

Antes de a portuária Montevideu ruir como um castelo de cartas, com ela toda Banda Oriental — um pequeno modelo do que se pretendia implantar no Brasil Imperial —, o governo uru-

guaio fez o contrário da Argentina, no Rio da Prata, optando por tornar-se um polo revolucionário.

A chamada Província Cisplatina, aparentemente incorporada ao reino de Portugal, Algarves e Brasil, era um território dissimulado. A Espanha preferira incentivar a debandada para o rival e vizinho país europeu, concedendo uma fatia de seu território, para, no futuro, receber algo maior em troca.

Boa parte do continente sul-americano.

5

Em Petrópolis, desde sua ascensão à “pequena capital” serrana, mesmo sendo uma cidade cercada por baluartes montanhosos (o que lhe conferia melhor fator defensivo às invasões que o Centro do Rio de Janeiro exposto ao nível do mar), se concentravam as principais embaixadas na recém-inaugurada Avenida do Rei. O traçado reto, levemente inclinado, tinha 800 metros de extensão.

Embora o nome antigo prevalecesse entre as massas, já se falava, com a vinda da ferrovia e melhor acesso aos garimpos das *Geraes* e latifúndios paulistas, em mudar o nome de Petrópolis para Brasília. Mas, o sonho expansionista só se concretizaria se as elites, unidas, concluíssem o plano de pacificação nacional, que também se tramava na Corte, em Lisboa, fazendo de D. Pedro seu pavilhão. Pela independência do Brasil, que de outra forma ocorreria de qualquer jeito, podendo vir a cair sob o julgo dos ingleses ou seus parentes do Norte, mesmo a Espanha, decidida a fragmentar o país em vários potentados, haveria garantia financeira pelos próximos cem anos. E novas oportunidades de negócios até o fim do milênio.

Dividida em duas partes, a Cidade Imperial, assim como uma moeda, tinha dois lados. A parte mais interiorana, repleta de chácaras e palácios dos nobres, era o pouso seguro da aristocracia e funcionários, atendidos por serviçais que moravam em zonas mais insalubres, escondidas das vistas primorosas das estradas contratadas para ser um marco de engenharia. E aquela mais recente, em expansão, iniciada antes que D. João VI retornasse a Portugal, em 1820.

O embuste da Revolução do Porto fez parte do plano. De Lisboa, o rei garantiria a negociação do Brasil em terras lusitanas e alhures, repartindo o bolo com vários parceiros comerciais antigos, quando se manteria uma fachada de independência e modernidade, ditada pelos tempos, favorecendo um modelo de capitania hereditária dissimulada, à testa de líderes coevos, partidários do negócio da espoliação consensual.

O amplo leito carroçável de *petit-pavé* decorativo tinha no centro um passeio arborizado, dotado de fontes e um monotrilha movido à força hídrica. O caminho começava em Nova Baviera, no imponente Forte das Nações, terminando na praça, em frente do octogonal Palácio de Cristal, sede administrativa do Brasil.

A invenção da Independência do Brasil, enfim, tinha um fim nobre alicerçado em uma estrutura torpe.

Mas, negócios são assim, desde que o mundo é mundo. Perpassava pelo escândalo e a espoliação até restar o bagaço. As massas são o cimento que propiciam a construção dos modelos onde só os arquitetos — e não os pedreiros — carregam, sem suor, o fardo de sua genialidade.

Pedro, o defensor perpétuo, não passava de um peão no engodo libertário do país. Apenas um homem, de boa aparência, é verdade, que ficava bem de uniforme, que sobressaía como fruto cobiçado, mas que decepcionava quando mordido.

6

Da residência original na Quinta da Boa Vista até a província de São Paulo, cruzando o Vale do Paraíba, foram 12 dias de marcha, nem sempre mantendo a mesma configuração e integrantes da tropa. Depois de conhecer Dona Domitila o príncipe foi inspecionar a Vila de Santos, sendo recebido com salva de tiros. A ideia era retornar à capital paulista pelo tortuoso caminho da baixada santista ao platô, mas antes havia um compromisso com a história a ser escrita...

* * *

Naquela sexta-feira, 6 de setembro, o único cavalo, o derradeiro e novo garanhão descansado, arreado antes da subida da Calçada do Lorena, conduzia o fidalgo no centro da formação. O contingente da guarda, montando mulas adaptadas ao terreno que ligava a baixada ao planalto, seguia até vinte metros à frente, sem perder de vista o monarca e os dois lanceiros a pé. Mais atrás vinha a pequena carroça com o cozinheiro, um ajudante e dois fidalgos na boleia, perseguida, ao passo custoso, por um cônego rubicundo em um burrico achatado pelo peso do cavaleiro. A volta da carroça e do religioso, cinco escravizados se revezavam ajudando a empurrar o fardo nos trechos mais íngremes. Por último, um lanceiro pedestre negro fechava a comitiva.

Os suprimentos, inclusive água, dariam para chegar, com folga, à capital da província no começo da tarde seguinte. Depois do desarranjo de Pedro, água e comidas leves, segundo o médico que ia com eles, era fundamental.

— Caganeira, outra vez? — retornando da frente da tropa, tocando a mula de pelo vermelho que ele chamava de Lola, o secretário emparelhou com o príncipe que parecia bastante pálido.
— Quer que paremos?

— Não é preciso, Chalaça. Eu aguento até o pouso.

— Então, é sobre isso que quero falar. Devemos apeiar na estância Diadema em duas horas, para passar a noite, uma farra e uma boa dormida. Quando amanhecer faltará apenas seis milhas até...

— Mudei de ideia, Francisco.

O companheiro de estripulias não gostava quando Pedro lhe tratava pelo nome de batismo, em ocasiões informais. Algo não cheirava bem. Além da caganeira.

— Acho que podemos improvisar um pouco. O tempo está bom e prefiro acampar ao relento. Tenho muito em que pensar antes do grande dia.

Chalaça achou a voz pastosa do príncipe efeito do vinho de palma. Os olhos inquietos de Pedro diziam outra coisa. Parecia que o nobre buscava no próximo cume o refrigério que não experimentava há dias, dormindo pouco e sonhando muito, assombrado por visões que o levava a não ansiar pelo sono. Pelo contrário.

Logo, restou ao secretário apenas concordar.

— Que assim seja, Sua Alteza Real — retribuiu a formalidade. Em condições normais Pedro lhe mandaria à merda, mas tal vitupério não veio, sinal de quanto o príncipe regente estava amuado.

Lola virou o amplo traseiro e foi atrás da guarnição, onde o ajudante do futuro imperador deu a informação da mudança de rota. E de roteiro.

7

Sob a proteção de uma árvore centenária, Pedro não ousou dormir. O dilema íntimo que enfrentava nem a Chalaça podia confessar. *Sabia* de uma conspiração em andamento, que não tinha relação alguma com os planos de independência do Brasil.

A comitiva de 22 pessoas, inclusive o príncipe regente, tinha partido de Santos com um enredo definido. Devia ser apenas uma inspeção real casual nas terras da Corte. E assim, também por acaso, no calor da emoção, saíria o brado de Independência do Brasil. O texto do discurso estava no bolso interno da casaca de tropeiro que ele vestia, caso precisasse reler os garranchos a luz de archotes, fincados ao redor. Mesmo assim, podia ignorar tal preciosismo. Longe dos olhos do público, discursos podiam ser montados, e a cena construída para causar o melhor impacto possível. Daí tudo parecer tão improvisado.

Não à toa D. Giovanni Gregório de Sá, chamado de Bardo, perito em contação de história, fazia anotações furiosas. Calhava ser escrivão real incumbido de documentar o evento para a posteridade. Quando então o mundo seria participado que 7 de setembro de 1822 figuraria como data de nascimento do Império brasileiro.

Porém, um Pedro insone decidiu por outro desfecho. Não queria estar presente quando seu nome fosse anunciado por conspirar com o inimigo. Por fazer algo que ele sabia ter feito, apenas não entendia o motivo de haver concordado.

8

Enfim, o momento tão aguardado em um local que merecia melhor arcabouço.

O brado retumbante, ao fim de um discurso monótono, em tom único, foi um inesperado e esganiçado “¿*Independencia o muerte?*”. Com ele, o príncipe português selou o destino da jovem nação brasileira que pretendia se emancipar, quando fez da frase uma interrogação hispânica e ele próprio respondeu exclamativo:

— ¡*Muerte!*

Depois cortou a jugular com a adaga trazida na outra mão que empunhava o espadim, desabando da montaria até se imobilizar e tingir de rubra a margem enlameada e jamais plácidas, ao menos diante daquele drama, do riacho Ypiranga.

Foi o orgulho de ser taxado de incorruptível, o que causou a queda daquele que nem chegou a se tornar imperador.

Além de não herdar sua independência, o Brasil ganhou um cadáver herdeiro ao trono de Portugal, que ceifara a própria vida a ter de entregar um projeto de nação para o futuro.

As testemunhas oculares “do grito” moribundo se tornaram cúmplices no suicídio ou meramente firmaram um pacto mortal e decidiram atribuir a culpa ao príncipe desvairado?

A resposta estava a cem passos dali.

E no céu.

FINAL

Em local privilegiado e contando com um drone para captar melhor resolução, a mulher de uniforme camuflado usou o comunicador para uma última mensagem em incontestável português brasileiro:

— Fase 3 encerrada. Depois de Rosetta vamos para Oribe e Bolívar, antes de atacarmos mais ao Norte.

Com certeza o peixe morria pela boca e o homem pelas bolas!



A PRIMEIRA LUTA

Jacqueline Gama de Jesus

Olhos atentos encarando a praia, em suas mãos um objeto metálico refletindo o vasto clarão que afagava as pegadas na areia. A rede estendida coletava garoupas, badejos, dentões, arranhando os corpos nus dos nativos. Peles queimadas de sol, algumas marcas de corte por abrir floresta fechada a facão. Dentro da mata atlântica os tupis ocupavam a costa da Bahia e assavam o peixe, enquanto botavam veneno nas flechas.

No mangue, o encontro entre o mar e a terra, estava ela, a mulher que brilhava ao meio-dia. A luz do suor acendia seu corpo negro, e Maria Felipa resplandecia na mesma intensidade da calmaria marítima em dia de festa. Catava caranguejo; metia a mão na lama, puxava um dos tentáculos do animal, que ia direto para o cesto feito de casca de coco e conchas. Sempre estava enfeitada, encontrava no trabalho de artesanaria um dos seus maiores prazeres. Entretanto, era catando marisco e pescando que conseguia o seu sustento; os utilizavam para a sua subsistência ou trocava os crustáceos e os peixes por outros mantimentos essenciais. Voltava para casa com o cesto quase cheio e os pés sujos de sangue de tanto pisar nas pedrinhas e nas conchas do manguezal. Mas, já não se importava com a dor.

A caminho de casa, lembrava-se do dia em que fez um corte profundo no pé direito ao se desequilibrar do alto de uma pedra afastada da costa, e caindo sobre os espinhos de um niquim. Sentiu o ardor de mil flechas ao ser espetada pelo peixe venenoso, ficou zozna, via tudo turvo e avermelhado. Mesmo assim, ainda conseguiu nadar até a praia, mais graças à força dos braços do que a das pernas quando de repente apagou.

O niquim era um espírito guerreiro, que em momentos de conflito se disfarçava de peixe e ia atrás daqueles que considerava dignos de sua presença. Algumas pessoas que recebiam o espírito do niquim morriam, porque o veneno era muito forte para a sua essência. Nem sempre a entidade guerreira conseguia se incorporar nos seus escolhidos, talvez pela condição humana de subestimar a potência do mundo espiritual. Mas, como dizia o xamã dos tupis, em quem ele conseguia entrar, não escapava da batalha.

Acordou e sentiu o cheiro de erva queimada; tentava mover os pés, mas percebeu que o direito estava enrolado em um monte de folhas atadas com corda de palha. Olhou para a luz que entrava entre as frestas do teto. Notou que estava deitada numa cama de bambu e corda. Não estava em casa. Não se lembrava do acidente na praia e sua mente ainda parecia enevoada. Tossiu por causa da fumaça que preenchia a oca. Ouviu uns passos em sua direção, mas manteve os olhos cerrados.

Uma mulher pintada e com os seios descobertos entrou no recinto com uma cumbuca de água e uma esponja de material vegetal. Primeiro, começou a molhar a cabeça de Felipa, em seguida a água escorria por todo o corpo da marisqueira, atravessando seus poros, invadindo sua boca, nariz e ventre. Apesar de não en-

tender o que estava acontecendo, ela parecia calma e se deixou levar por aquela sensação.

Era um banho de ervas curativas. O cheiro começava a despertá-la da confusão mental. Uma reza em tupi era sussurrada em seus ouvidos. Ao abrir os olhos, a marisqueira viu os cabelos negros da mulher que lhe cuidava. Na língua nativa, lhe perguntou o que havia acontecido. Os olhos castanhos de Yara penetravam as turmalinas de Felipa, que com voz baixa respondeu sobre o acidente. A marisqueira tinha sido encontrada quase sem vida na beira da praia por um dos pescadores da aldeia, que procurava um animal mítico avistado no mar no dia anterior, na noite de lua cheia.

Ao chegar na aldeia desfalecida nos braços do pescador, Yara não acreditava na sobrevivência de Felipa, mas o xamã enxergou seu espírito de luta: os dias sofridos na lavoura de cana de açúcar antes da alforriada. Sabia que ela sobreviveria ao veneno; dizia que ele a deixaria mais forte. Porém, o acontecimento era também um presságio: alertava ao povo de um conflito em breve, porque o niquim só aparecia em tempos de tempestade.

Apesar de morar fora da aldeia, a marisqueira não recusava os pedidos dos tupis, porque eles a ajudaram a se recuperar do acidente que mudou o seu destino. O xamã fez uma reza na cabeça de Felipa, dizendo que havia conversado com os espíritos da floresta e do mar. O pajé a cumprimentou e lançou o recado:

— Homens vindo, *naurú*. Tome a frente. Tupin foi pescar na beira da praia e viu barcos grandes vindo cá.

— Soube por uma das moças da vila que os portugueses estão chegando aqui para as nossas bandas. Disseram que do outro

lado da praia, na cidade, estão ocorrendo guerras entre eles, e o povo do Imperador, dizem que é independência.

— *Merebi! Tambuê ahat.* Tupã proteger.

De volta à vila onde morava com mais de duzentas mulheres, algumas mutiladas, ex-escravizadas, outras com filhos, casadas entre elas ou com maridos do sexo oposto, lá estava batendo de porta em porta para uma convocatória na praça, na noite seguinte. A marisqueira era muito respeitada no vilarejo, ainda mais depois dos boatos que diziam que uma entidade guerreira habitava seu corpo; também diziam que ela era neta de uma rainha sudanesa. Maria Felipa era alta, sabia mexer as cadeiras, mas desde que havia sido alforriada não quis mais contato com homens, já havia suportado demais as violências do seu antigo senhor.

— Eia, mulheres! Eia. Venham acá. O pagé passou um recado para todas nós. As caravelas estão chegando para tomar a ilha. Precisamos nos organizar. Itaparica é nossa, como também é dos tupis e, infelizmente, ainda dos senhores da cana. Mas, não queremos mais homens brancos aqui para comer a nossa carne e nos matar. Eles não respeitarão nosso espaço, precisamos impedir a retomada da ilha e ocupar o que é nosso, senão por direito, por justiça.

— E qual é o plano, Felipa?

— Iremos atrair os brancos com a lorota de que eles comerão os melhores mariscos; também vamos dizer que eles têm lugar arejado para descansar em nossas camas, mas que para chegar aqui na vila vão ter que atravessar a floresta. Eles vão cair numa emboscada: o caminho dos cansações. Um grupo vai ficar de tocaia até que todos os inimigos sumam de vista, trilha adentro, aí

atacaremos. Queimaremos as caravelas. Um último aviso: estejam preparadas, não será fácil!

Algumas mulheres hesitaram em participar da estratégia de ataque de Felipa, mas muitas conheciam sua fama de labuta no mangue e na pescaria. Outras sabiam que a guerreira ajudava os escravizados a acharem o caminho para os quilombos quando ainda morava na fazenda, driblando o seu senhor. Ela era muito inteligente. Outras mulheres também eram movidas pela crença na profecia do niquim, e temiam tempos piores.

Alguns dias depois do plano montado, ouviram um tiro. Pedro, o líder da nau, anunciava sua chegada na praia. Em algumas horas os portugueses atracariam as caravelas e desembarcariam. Caía a noite de lua cheia, quando um grupo de mulheres apareceu para recepcioná-los. Comentários de formosura e de desejo sexual eram ditos entre buchichos. Alguns brancos aparentavam estar com fome e desidratados depois de várias semanas no mar. Aconteceu o convite para desbravar a vila: um grupo de quarenta mulheres levou os europeus para o meio do mato. Quase perto da armadilha algumas pediram que eles tirassem a roupa insinuando querer algo mais. Entretanto, era só um pretexto para que eles sentissem mais dor quando chegasse a derradeira hora. Em poucos metros andando, os colonizadores do Novo Mundo começaram a se coçar, sentiam o corpo queimar como larva. Era a folha de cansação atuando. Eles gritavam pedindo socorro e, nesse momento, as mulheres fugiam. Ao ouvir os gritos, os tupis acertaram alguns colonos com as flechas.

Os portugueses que ficaram nas caravelas, percebendo o fogo que começara a se alastrar, navegaram atirando em direção

à praia. As mulheres *naurú*, guerreiras, lhes disparavam com estilingues, pedras e *pinaúnas*, esses últimos, os ouriços, eram pegos com muito cuidado para não se cortarem, a ideia era ferir apenas o inimigo. Felipa usava golpes de capoeira, que aprendera quando criança na senzala. Coordenava os ataques das moças do vilarejo. Em determinados lances da batalha, seu corpo se transformava no de niquim, a entidade guerreira que exibia sua força através das cadeiras da marisqueira. Os mais atrevidos se aproximavam e levavam facadas; outros tentavam se esconder ou fugir pela praia. Algumas mulheres foram gravemente atingidas. Mesmo assim o saldo para o povo da ilha era positivo, evitaram uma retomada colonial, conquistando a independência do território e dos seus corpos.



O MASSACRE DO BRIGUE PALHAÇO

Karina Mendonça

Gabo andava apressado pelas ruas da cidade de Salamanca tentando se proteger do frio. A chuva fina empapava seu casaco, e ele tentava em vão encontrar um lugar para abrigar-se, mas todas as marquises estavam apinhadas de transeuntes tão molhados quanto ele. Após mais um monte de chuva, ele, finalmente, conseguiu lugar numa taberna.

— Um café, por favor! — Gabo sacudiu o sobretudo molhado, enquanto fazia seu pedido e olhava o ambiente ao seu redor. Ele estava feliz por ter encontrado abrigo. Uma mesa aconchegante o esperava num canto afastado da entrada do bar, e ele novamente sentiu que sua boa estrela brilhava, mesmo nos mínimos detalhes. Desde sua contratação para o recém-inaugurado *El Norte de Castilla*, sua sorte mudara e ele sentia que teria sucesso em sua carreira jornalística. —1854 é meu ano!, pensou o jovem, enquanto o atendente deixava uma xícara de café fumegante em sua mesa.

Ainda congratulando-se por seu êxito, Gabo viu, num canto da taberna, um senhor idoso, enrolado em panos rotos, apesar do porte altivo. Seja por estar preso pela chuva, seja por se condoer da aparência faminta do homem, Gabo decidiu se levantar e conversar com o senhor.

— Olá! Tempo ruim, não? — o homem não respondeu nada, mas Gabo não desistiu. — O senhor aceita um café?

O homem olhou-o de cima a baixo, e após um momento de reflexão, respondeu:

— Eu tenho fome, senhor. E mais vergonha ainda de pedir isso, mas se além de um café, o senhor me ajudasse com um pedaço de pão, eu seria muito agradecido.

Gabo se pegou conversando com sua curiosidade nata. Como aquele senhor tão educado estava naquela situação? Já decidido, ele sentou à mesa junto ao homem.

— Garçom, por favor! Traga-nos uma refeição completa, para mim e para o senhor...

— John.

— Gabriel. Muito prazer.

Gabo observava o homem em silêncio. Ele tinha os cabelos grisalhos e uma grande barba, e os olhos de um azul acinzentado. A tez, bastante queimada pelo sol, já estava enrugada pelo tempo. E seu semblante, que atraía magneticamente o rapaz, carregava o peso de quem já viveu demais.

* * *

— Obrigado, moço. O repasto estava excelente! Há muito não comia tão bem, já havia quase esquecido o que era uma boa mesa. Eu teria me contentado de bom grado com um pedaço de pão e um café. — O senhor olhava para os pratos já limpos com um quê de saudade e tristeza. — Mas, isso me lembra de uma vida que já vivi, e que não gosto de recordar. — Os olhos do homem

se fecharam por um instante e, após uma pausa, ele continuou. — Então, você é jornalista?

Gabo se assustou ante aquela conclusão. — Sim, eu sou, como o senhor sabe? — Os olhos do homem se acenderam num sorriso, era claro que ele estava feliz por sua comprovada sagacidade.

— Há muito tempo minha vida dependeu de minha argúcia, moço. — Ele olhou para o céu, ainda coberto de nuvens e relampejando, numa tempestade só menor que as emoções ressuscitadas em seu âmago. — O tempo, meu rapaz, que você me perguntava antes, na verdade não melhora nunca de fato, ele só piora com o passar dos anos, pois mais arrependimentos temos. — Gabo podia ouvir os suspiros que o homem dava em cada frase. — Escute, eu não tenho como te pagar essa refeição com dinheiro, pois não tenho nada. Mas, posso te contar uma história. Você aceita?

* * *

— Oxalá eu encontre as palavras! — As rugas do velho se acentuaram em seu rosto, e os vincos que a história produziu em sua vida emergiram do fundo do peito, onde estavam há muito enterradas.

Gabo mal podia esperar para que a narrativa iniciasse. Ele sentia que a história era boa!

— Era 1822. O Brasil acabara de declarar independência! As pessoas da capital, no Rio de Janeiro, estavam eufóricas, enfim, liberdade!

— Brasil? Você esteve no Brasil?

— Sim. Na época eu trabalhava para a marinha inglesa, e meu regimento foi chamado por D. Pedro I para implantar a marinha brasileira. Ao chegarmos lá, fomos enviados às pressas para intermediar um acordo entre brasileiros e portugueses, pois apesar do sentimento de liberdade, nem tudo eram flores. Algumas províncias não estavam nada satisfeitas com a proclamação da Independência do país, por isso, o processo não foi pacífico. Houve rebeliões em vários lugares, como na Bahia, na Cisplatina... fomos para o Grão-Pará onde os manifestantes já tinham formado um governo popular. Pode parecer estranho à primeira vista, mas se analisarmos a situação, podemos ver que devido à posição geográfica, era mais fácil para os comerciantes de Santa Maria de Belém do Grão-Pará negociarem diretamente com Portugal do que com o Rio de Janeiro. Da Europa para lá era um pulo de navio. Já as estradas para a capital do país eram praticamente inexistentes, e o trajeto de navio era bem maior. Províncias como o Grão-Pará e o Maranhão mantinham relações privilegiadas com Portugal, sendo tratadas como territórios separados do Brasil. O povo dessa região só tinha a perder com a Independência.

— Realmente, eu nunca tinha parado para refletir sobre isso! Sempre vi a Independência como um processo positivo para os países colonizados.

— Em todas as situações existem aqueles que perdem e aqueles que ganham, ainda mais num país de dimensões continentais como o Brasil. No Grão-Pará, a distância até o porto do Rio de Janeiro, para o escoamento da produção, prejudicou a população, e hoje vemos o reflexo disso na crescente concentração de renda e negócios no sul e sudeste do país. Não me admirarei se, no futuro, essa região que antes era próspera, se afunde na pobreza.

— Interessante!

— Nossas ordens eram claras: deveríamos acabar com os revoltosos e impor a paz, imediatamente, *a qualquer custo*. E assim o fizemos. Como bons servos da rainha, sempre cumprimos nossas ordens sem contestar. Eu era jovem e não lia o cenário completo como leio agora. E admito que só passei a fazê-lo depois do que aconteceu. Vou lhe contar tudo o que eu me lembro.

* * *

Belém do Grão-Pará, 15 de agosto de 1823.

Vossa majestade,

Segue breve relato do ocorrido em terras brasileiras.

Notifiquei, pessoalmente, todos os integrantes da autodenominada —Junta Governativa Provisória—, grupo de insubordinados que tem à frente o cômego Batista Campos, que agirei com extremo rigor, pois precisamos de paz na região, nem que ela seja imposta à força! Informei a todos os comerciantes e cidadãos portugueses que seus bens estão garantidos, bastando para tal que aceitem a condição do Brasil como nação livre e independente de Portugal, e que mantenham a ordem na província.

Também consegui, hoje, a assinatura do termo de adesão do Grão-Pará à independência. O fiz usando um blefe, no qual eles acreditaram. Além de bloquear os portos, assim que cheguei, no dia 11 de agosto, eu os ameacei dizendo que a cidade estava cercada por homens fortemente armados. Em breve os revoltosos serão eliminados.

Manterei vossa majestade informada.

John G.

* * *

A noite de 16 de outubro de 1823 foi marcada por diversos ataques de revoltosos na capital paraense. Eles eram chefiados pelo cônego Batista Campos, homem nascido em Barcarena, interior do Grão-Pará. Ele foi o fundador do grupo chamado *Os Patriotas*, que lutava para manter a ligação do Grão-Pará a Portugal.

Nessa noite, cerca de seiscentos homens tentaram tomar o trem de guerra, lugar onde ficavam guardadas as armas, para se apoderarem delas e usá-las na luta contra a independência do país.

— Abra a porta! Entreguem as armas! — eles gritavam enquanto tentavam conquistar o local fortemente defendido.

— Não iremos abrir! Fora daqui seus arruaceiros! A Junta Provisória caiu, e o governo de Portugal não manda mais aqui! — respondiam ao cônego os encarregado pelo trem de guerra amedrontados mas sem abrir a porta. Batista Campos, vendo que não conseguiria tomar as armas com facilidade, resolveu usar de política. Ele chamou dois membros do partido oficial do governo, mas que também faziam parte da Junta, para intervir na situação. Os encarregados, por fim, mediante ordem de seus superiores, deram acesso às armas aos revoltosos.

Gabo estava atônito. O país lutando por sua independência e o governo oficial com políticos infiltrados que ajudavam os revoltosos. — E o que aconteceu? — o rapaz perguntou. — Os rebeldes conseguiram as armas dos militares?

— Sim. A horda de amotinados seguiu até o Palácio do Governo, onde derrubaram as portas a machadadas e se entrinchei-

raram lá dentro. Na manhã seguinte, nós cercamos o Palácio. Tãmanha era a ligação da capital paraense com a Coroa portuguesa, que esse palácio também era chamado de Palácio do Rei, pois diziam que ele havia sido construído para habitação de D. José I e a família real portuguesa.

— Renda-se, Batista Campos! — a voz potente do capitão ecoava pelo palácio, já completamente cercado pela marinha brasileira, numa grande ofensiva por terra e mar executada às pressas, por ordem de nosso comandante.

— Isso é um insulto! Jamais nos renderemos! — o cônego gritava a plenos pulmões, desafiando a autoridade de nosso líder. — Não aceitaremos esse termo de adesão à Independência, assinado vergonhosamente! Somos fiéis à coroa portuguesa!

— Não me desafie, cônego! Vocês estão cercados! Eu vim acabar com essa revolta e impor a paz! Aceitem os termos e rendam-se!

— Nunca!

— Homens, atacar! — Ele movimentou as tropas que aguardavam sua voz de comando. Os soldados estavam tensos.

— Nossa, quanta confusão! — Gabo não acreditava em sua sorte por ter conseguido um relato daqueles!

— Vários soldados invadiram o Palácio e prenderam o cônego, que mesmo subjugado mantinha a atitude bélica. O comandante, furioso com os revoltosos, conseguiu prender vários homens, além de Batista Campos.

— Amarrem-no na boca do canhão! Essa revolta acaba agora!
— Cego pela cólera, ele pretendia mostrar de uma vez por todas que aquela revolta era inútil, e que não tinha medo de usar a força da pior maneira possível. Estávamos em guerra.

— Mas, esse homem era um louco! — Gabo comentou.

— Hoje eu concordo, Gabriel. Mas, naquela época, eu não tinha consciência das consequências de um ato desses. Eu era militar e meu dever era impor a ordem. Os meios para que isso fosse feito não importavam.

— Isso é insano!

— O militarismo é insano.

— E o senhor o conhecia? Digo, conversava com ele além das ordens de seu posto?

— Sim, eu o conhecia bastante. Talvez até mais do que gostaria. Mas, prossigo com o meu relato.

Os soldados, seguindo ordens, amarraram o cônego na boca acesa de um canhão, na frente do Palácio. O assassinato brutal só não ocorreu por intervenção de alguns membros duplos, membros da Junta e do governo oficial, que intercederam em favor do cônego.

O capitão espumava de ódio, pois realmente queria ter disparado aquele canhão. — Muito bem, ele fica preso! — disse. — Mas, essa revolta não ficará impune! Homens! Tragam aqueles cinco prisioneiros. Agora! — O comandante tinha ódio das forças políticas que o haviam impedido de disparar o canhão e precisava

extravasar sua ira. Pobres coitados daqueles que serviram à satisfação de sua fúria.

Cinco homens foram escolhidos dentre os presos e colocados de joelhos na frente do Palácio do Governo.

— Pelotão! — ele ordenou, ostentado seu poder de comando. Um grupo de soldados se adiantou, apoiando os rifles de guerra nos ombros, prontos para executar as ordens seguintes. — Preparar! Apontar! Fogo!

Para horror dos assistentes daquela cena grotesca, os cinco prisioneiros foram sumariamente fuzilados em praça pública, sem passar por julgamento formal.

— Agora vocês entendem que eu não estou para brincadeiras! Prendam os demais! — O capitão continuava possesso.

Batista Campos foi logo liberado da cadeia, mas duzentos e cinquenta e seis homens permaneceram presos. Várias tentativas de fuga foram perpetradas, e por fim, no dia 20 de outubro, os revoltosos foram levados para o Brigue São José Diligente, uma embarcação ancorada no porto da cidade, onde ficaram presos num porão, que tinha 30 palmos de comprimento por 20 de largura e 12 de altura.

Ao serem confinados num lugar tão pequeno, sem água e sem comida, os presos começaram a tentar arrombar a única escotilha, que dava acesso ao convés do Brigue. Para tentar diminuir o clamor por água e evitar o arrombamento, a guarnição jogou água podre para dentro do porão, mas a sede era tal, que foi feroz a disputa entre os presos, mesmo por aquela água fétida. Eles brigaram e se feriram, na vã tentativa de conseguir um pouco d'água.

Na noite do dia 21, as tentativas de arrombamento da escotilha começaram. Para tentar conter os presos, o próprio capitão subiu ao navio e disparou 20 tiros para dentro do porão, e em seguida mandou jogar cal virgem dentro do buraco. Durante duas horas os presos se debateram em agonia. Alguns ainda tentaram empilhar os corpos dos que haviam morrido fuzilados para arrombar a escotilha, sem sucesso, em busca de ar. Após isso, um silêncio sepulcral voltou a reinar no Brigue.

Na manhã do dia 22, às 7 horas, quando a escotilha foi reaberta, um espetáculo macabro se desenhou diante dos olhos do comandante e de sua tripulação, estupefata. Duzentos e cinquenta e dois corpos cobertos de sangue e dilacerados. Os rostos dos homens estavam distorcidos numa máscara branca, lábios repuxados e olhos esbugalhados, efeito da cal virgem e da pólvora, lembrando o sorriso distorcido e macabro de um palhaço.

Os quatro sobreviventes do brigue, agora chamado de Brigue Palhaço, foram levados ao hospital, mas três deles morreram em pouco tempo. O único sobrevivente do massacre ficou louco e desapareceu.

* * *

Gabo estava mudo pela história. Percebendo que seu interlocutor parara de falar, uma torrente de perguntas saiu de sua boca.

— E o capitão? E o cônego? O que mais aconteceu? Que história fantástica!

— Após o massacre do Brigue Palhaço, o movimento separatista paraense se fortaleceu, e anos depois ocorreu a Cabanagem, uma das maiores revoltas populares articuladas na época. Foram

cinco anos de intensas lutas na província do Grão-Pará, motivadas pela extrema pobreza e pelo abandono político que a região amargou depois da Independência do Brasil. Mas, eu não estava mais lá. Conto essa história para honrar os mortos daquele dia, para que a história deles não seja esquecida — disse o homem, levantando-se e pegando seu chapéu. A chuva parara. — Já é hora de ir.

Gabo permanecia atônito. — Quando posso lhe encontrar novamente, senhor?

O homem sorriu:

— Acho que não nos veremos mais, Gabriel. Essa conversa já foi o suficiente para reviver antigos fantasmas que ainda rondam minha velha mente, mesmo passados todos esses anos. A vida de arrependimentos que eu levo, me jogou nas ruas, não encontro paz em lugar nenhum. Talvez, com essa nossa conversa, eu consiga retomar minha vida normal, já que deixo meus fantasmas em suas mãos, para que você os honre. Eram bons homens, lutavam pelo que lhes parecia correto. Eu lutava pelas ordens que recebia sem contestar. No final, eles perderam a vida. E eu também perdi a minha, de certa forma.

E agradecendo a comida, o velho senhor se levantou.

Gabo ficou olhando o homem ir embora enquanto digeriria todas aquelas informações. O casaco dele era igual ao dos antigos capitães da marinha inglesa. Um raio de dúvida passou por sua mente. Será? Ele decidiu correr atrás do homem, mas ele já havia desaparecido pelas ruas escuras da cidade.



SOVA DE CANSANÇÃO

Dario Alejandro Poyanco Bravo

Maria Felipa de Oliveira é um dos 43 nomes citados no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*, guardado ainda hoje no máximo memorial cívico de Brasília. Faz pouco tempo que historiadores começaram a tirar os duzentos anos de pó que jazem sobre a figura dessa grande mulher. Dos poucos consensos que há sobre ela é que descendia de africanos escravizados, lutou pela Independência do Brasil e finou em 1873. Sua façanha, que entraria para a História, seria comandar uma ação que reduziu a cinzas uma frota portuguesa que aguardava na ilha de Itaparica a ordem de bombardear a Baía de Todos os Santos e tomar Salvador, capital da Bahia.

Mas afinal quem foi Maria Felipa antes e após a Independência? Se, por um lado, repousam dois séculos de poeira sobre essa personagem, por outro, o imaginário popular sempre cuidou de mantê-la lustrada. Maria Felipa veio ao mundo no primaveril 25 de setembro de 1803. Foi setemesinha. Era para ser de escorpião, mas a pressa a fez virginiana. Mirrada demais, induziu os pais ao erro de achar que não vingaria. Mas, dias depois, quem partiu foram eles, eletrificados pela mesma enguia pisada enquanto mariscavam. Foram-se de mãos dadas, tremendo e lagrimando em 860 volts.

Restou aos avós Dora e Caulim, sudaneses alforriados, criar o bebê. Recorreram a uma milenar receita de nutrir recém-nascido: leite de cabra fervido, mesclado com água de coco, um ovo de rolinha e outro de colibri, batidos, e gotas de mel de jataí. Maria Felipa arrulhava tanto no berço que os velhos viram aí um efeito colateral dos ovos de pombinha. Importa que a primeira palavra da neta-filha foi “tartarugada”, um prodígio de sílabas para alguém com seis meses de vida. A essa altura, já tinha o apelido de *Fel*.

Tão logo ela foi capaz de coordenar os dedinhos, o avô lhe ensinou a tecer, enrolar, desenrolar e lançar redes. Ele mostrou como escolher o bambu para a vara e como fazer anzol de osso. Já a avó a instruiu na catança de marisco. Cedo, Fel entendeu que a despesa se fazia na terra: batata-doce, mandioca de farinha, amendoim, abóbora, banana-pacova, café, couve, milho, tanchagem. Até água de cisterna.

Aos 4 anos, ainda era muito raquítica. E, talvez por isso, umas coleguinhas a tenham enterrado na praia, numa brincadeira cruel. Quem a encontrou foi um velho catador de caranguejos que estranhou os insistentes pulos de um carcará sobre um único ponto da areia. Instantes depois, o caranguejeiro desenterraria uma criança que, apesar de roxa, tentava assustá-lo gritando “Bu!” e cuspidando uma paçoca de sílica. Noutra vez, Caulim a pegou na arrebentação tripulando uma jangadinha feita por outras crianças.

Fel era ingênua com força. Olhava as galinhas-d’angola e as imaginava capazes de fazer a casca do ovo com cada grão de areia que ciscavam e bicavam. A gema era ouro de comer, pepita envolta em opala branca de mastigar. Cria em tudo. À noite, Caulim contava histórias da milenar Núbia, antigo nome do Sudão. Como

a de *Apedemek*, deus da guerra com cabeça de leão, olho e língua de cobra, corpo de gente. A menina arregalava as íris, concebendo o leão como uma onça-parda que usava uma cabeleira de mico-da-cara-dourada e um longo rabo de pavio espevitado.

Aos 6 anos, perdeu numa briga de fedelhos. Chegou com dois dentes na mão.

— Nossa guria vai envelhecer apanhando igual a cachorro sem dono — a avó Dora se queixou. — Tem menina com 3 anos que já é maior que ela.

O velho decidiu abrir com a pequena os arcanos da capoeira. Deu uma banana à proibição de ensinar a luta a uma mulher. Prevaleceu a obrigação moral de ensinar alguém mais fraco a se defender. Ele aprendera a arte com angolanos, que a chamavam de *kapwila*, termo umbundo para “pancada, tabefe, surra”. À noite, ele levou a neta até uma clareira no bosque. A pirralha adorou aquilo que parecia demais uma dança.

— Só que é uma dança de ferir e matar — Caulim advertiu. — *Num* esquece isso.

Com o passar dos meses, a menina foi se afeiçoando a chutes, pulos, giros, taponas e rasteiras. Duplo aprendizado: o de capoeirar e o de manter isso em sigilo. O velho se aprazia de ver que a menina cada vez mais parecia um ladino grilo vivaz.

A infância de Fel seria marcada também pela visão dos imensos canaviais, plantações que multiplicam a voz do vento e a faziam áspera. A menina e sua turma iam até lá, empurravam as canas, as deitavam e daí as cascavam com clandestinos dentes de leite. Iam guardando a casca e o bagaço na barra dos vestidinhos

para apagar rastros. Já nas plantações de trigo que aloiravam a terra, ninguém podia pisar. Fel amava nadar. A ilha era guardada por 15 quilômetros de recifes, responsáveis por infinitas piscinas naturais mornas e salgadas. Cansada, sesteava sob o som de ninar dos coqueirais.

A noite em Itaparica sempre seria perigosa, já que se conservava fresca a lembrança do vício que antigos tupinambás tinham de canibalizar inimigos. Quase todos os ilhéus, até os marmanjos, dormiam aninhados nesse medo ancestral e sem raça.

— O último a chegar é a filha do bispo! — a criançada gritava antes de correr, pervertendo o dito *O último a chegar é a mulher do padre*, numa referência a Dom Pero Fernandes Sardinha, bispo comido pelos caetés, várias décadas antes.

Outra figura a povoar o imaginário de Fel era a do português Diogo Álvares Correia, o *Caramuru*. Inesquecível não pelas inúmeras índias esposadas nem pelos incontáveis filhos deixados, mas porque seu nome significava 'moreia'. Para o folclore, ele era um sujeito capaz de trocar de pele e virar um viscoso peixe de sorriso tenebroso.

Caulim parou de respirar um mês após ensinar à filha-neta os saltos mortais. Sobraram ela e Dona Dora. A garota meio que só vinha esperando essa perda para danar a crescer. A partir daí, os vestidinhos de algodão durariam não mais que semanas:

— Cê tá parecendo *largata* que só escolhe casulo menor que ela! — a avó rabujou.

Rabugice fingida, pois se deleitava com assistir à piralha espichar. E muito espanto a velha teve quando Fel pediu para não

vender o barcote do avô. Ela pretendia ir buscar o peixe de cada dia. Disse e trouxe, como traria dessa manhã em diante.

Em Itaparica se caçava baleia. Vendia-se a carne de comer, o óleo de iluminar, os ossos de moer e dar para o gado. Mas a mãe-avó e a filha-neta não se aventuravam nisso. Gostavam era de ir aos muitos mangues da ilha. Nessas florestas afogadas, matavam saudade de jantar siri. No início, Fel receava enfiar o braço na escura toca dos crustáceos, por pavor a picada; depois já nem sentia a garra dos bichos.

— Tem caçador que, quando caça, sangra — Dora dizia.
— Aprende então, pequena: pra viver bem, tem que saber morrer um tiquinho.

Foi por essa época que Fel reparou que, em várias fazendas de Itaparica, negros viviam acorrentados. De dia labutavam uma vida de touro, à noite eram encurralados em senzala. Perto do mercado, a garota viu um moçambicano no pelourinho, apanhando por fugir. Mais tarde, ela iria se inteirar sobre os escravizados que escapuliam e se afogavam no mar do lado ocidental da ilha — ali havia um único e aquático quilômetro apartando o continente, porém era uma água cheia de profundos descaminhos.

Durante a festa de Nosso Senhor de Vera Cruz, no 14 de setembro, Dora e Fel iam à missa. Ambas e a multidão assistiam à celebração de longe, com a planta do pé no átrio, pois *gente de cor* era interdita em sagrada casa de branco. Enquanto o pároco baforava o hermético latim, Fel recordava o misterioso vulto montado num corcel branco que, de 7 em 7 anos, percorria uma Itaparica noturna. Uns diziam ser o próprio Nosso Senhor abençoando; outros viam o espírito do segundo Conde da Castanheira,

condenado ao limbo por se negar a entrar no céu sem seu braço de armas, objeto roubado dele pelo corsário francês Jacques de Sores e jamais restituído.

Africanos e descendentes, se acaso quisessem, que fossem para suas igrejas de palha. Escravizados, alforriados e livres filhos negros também eram proibidos de cruzar o portal dos sobrados e o pórtico dos paços barrocos. As festas nos solares das fazendas constituíam um mundo para o qual não tinham a senha os sudaneses, os angolanos, os moçambicanos, os minas, os benguelas ou os que tivessem tal ascendência. Lugar perfeito para o gentio eram a taipa, o pau a pique, a cubata, o cafofo, o terreiro, a plantação, o mato, a eira e a beira. Em suas celebraçõeszinhas, o poviléu que se contentasse com batuques, umbigadas, lundus e tungas — sem piano, craviola ou violino. Fel sofria esse abismo. Ela se avexava.

Avexamento baralhado com deslumbre: por exemplo, a menina se boquiabria com a alva Marquesa de Nísia, uma das governantas de Itaparica, a ponto de questionar:

— Existe preta marquesa? Tem condessa mulata? Baroa cafuza? Duquesa parda?

— Na sua cabeça, tem — Dora ironizou. E lembrou: — Se bem existiu a Chica...

O sonho de inscrever seu nome na História nasceu na noite que a avó soprou o “*Era uma vez uma poderosa Chica da Silva dos Diamantes e de Diamantina*”. No dia seguinte, treinou capoeira fantasiando que fosse uma viscondessa.

De tanto visitar a parentada noutras partes de Itaparica, Fel, aos 12 anos, já sabia que a ilha tinha silhueta de banana-da-terra.

Conhecia o Forte de São Lourenço com sua cantaria, sua cal e seus canhões. Num arrepio, ouviu que ali havia sujeitos encarcerados, perpetuamente constrangidos a todo dia ver um oceano que não tocariam outra vez. Ela desejou que sua capoeira bastasse para que ninguém jamais conseguisse metê-la numa cela.

À noite, antes de dormir, a pequena se abraçava à velha Dora, pitava cachimbo por tabela e ouvia casos de antigamente. Como o do dique de Itaparica, construído no norte da ilha. Redes lançadas ali traziam às vezes porcelanas francesas ou bizantinos talheres de ouro – eco das riquezas escondidas por jesuítas nos 1700. A velha narrava:

– O dente da lama no dique róí até pau de arca. Tem vez que um itaparicano valente mergulha lá atrás de tesouro... Aí vem um jacaré da foz do Jaguaripe e boca ele.

Aos 13 anos, Fel virou mocinha. Continuou se banhando no mar, embora a avó desaconselhasse. A velha mandava; a filha-neta desatendia. Quanto mais alta ficava, mais nutria destemor. Querendo provar a tanta coragem que grassava nela, aceitou o desafio que uns rapazes faziam entre si numa roda: chupar manga e beber leite. Gerou assombro o fato de ela vir a sobreviver a esse elixir da morte. O povo creditou a proeza ao mel de jataí mamado por ela na tenra infância: as abelhas teriam fabricado o fluido com néctar de flores venenosas, que agora atuavam como antídoto.

Com 15 anos, foi a Salvador pela primeira vez. Disfarçada de rapaz. Porte para enganar, ela já possuía. Envergou calça e camisa roubadas de varal alheio. Os seios de mentira, ela prendeu com faixas. E se apresentou num barco que tinha aportado na ilha para colher quem fosse ao festival de capoeira na capital.

— Cê é filho de quem, moleque? — o barqueiro a interpelou.

— Minha mãe diz que eu sô tataraneto do tataraneto do Caramuru — ela disse, a engrossar a voz, entregando a moeda (roubada de Dona Dora) para pagar da passagem.

Os quase 30 quilômetros foram uma odisseia. O mar era um pano que se desenrolava conforme fosse olhado. Fel foi engolido aos litros a ideia de um mundo mais amplo que tudo. Achou Salvador gigante: casario profuso (algumas casas até com quatro andares!), um excesso de ruas (com pé de moleque), multidões que só podiam estar em calendário santo, um vozerio de cigarra de pôr a gente tonta. Foi ali que ela viu seu primeiro leilão de africanos, junto com barricas de pinga e caixas de açúcar. Eram portugueses os que capturavam as pessoas na África e as vinham vender. Os lusos.

Voltou da capital da Bahia com ranço de europeu. E com o orgulho de não ter perdido sequer uma luta. Trazia encaroçados o braço e a canela; cada nó da mão com tamanho dobrado e pintado de urucum. A boca inchada e com sangue pisado, o olho roxo. Mas quem no barco de volta a Itaparica estava ileso? Valia que ela houvesse levado ao chão 20 adversários. No fim, um dos mestres até a convidou a entrar na irmandade.

Coisa que jamais faria. Itaparica tinha tudo que a felicidade podia querer. O mar de Salvador era quase *frio* e ninguém o tinha domado ainda. A capital distava demais da sua velha. Afastar-se de Dora seria negar mãe e avó numa só virada de costas.

Quando Fel retornou a casa, a dona tomou susto. Desconheceu aquele rapaz todo machucado que parecia ladrão surrado por gatunagem. Mais atônita ainda ficou quando, sem cerimônia, *ele*

tirou as calças e pegou uma saia pendurada numa estaca. Agora sem blusa e sem faixa, os seiozinhos acenaram. E o *moço* gargalhou como a filha-neta.

— Cê me mata de tanta agonia de desespero, menina! E tá *istrupiada* por quê?!!!

A jovem mostrou um bracelete bordado. Dora conhecia aquele signo de prêmio, mas custou a juntar as peças da façanha. Daí sorriu contrariada. Praguejou feliz. Por fim a abraçou e serviu pinga. Fizeram tim-tim em canequinhas de barro.

— Ontem era seu avô aí, com a mesma idade, o mesmo tanto de calombo, esse sorriso gaiato e uma pulseira assim — a velha lagrimou. — Promete num fazê mais isso...

Fel jurou. Itaparica era seu lar. Ela precisava ir dormir sabendo que tinha o mar cercando seus sonhos por todos os lados... Essa era a verdade. E também era verdadeiro o fato de ela ter uma alma transbordando de bravura. E por isso viriam a fermentar nela os ideais de um Brasil livre da boca de morcego de Portugal. Sim: os saveiros que entregavam óleo de baleia em Salvador passaram a voltar com notícias de uma guerra pela independência sendo costurada a ponto miúdo e com agulha de segredo.

Ninguém de Itaparica ficaria imune a isso. Haja vista as reuniões secretas que passaram a ocorrer ali já em 1821. Uns achavam vergonhoso a ilha ficar de fora do movimento e declararam apoio (ainda que velado) às forças revolucionárias sediadas na capital da província. Outros até queriam tomar partido, mas temiam as marciais penas de degredo, fuzil ou força. Já outros defendiam lealdade irrestrita ao Reino, que no fim faria um desfile triunfal pisando sobre as inertes cabeças dos rebeldes.

Fel antipatizava com lusitanos. Enxergava-os na raiz de tudo que odiava. Portugal permitia que uns fossem senhores de muita terra enquanto outros nada tinham; que uns tivessem palacetes e outros habitassem casebres; que se escravizasse e vendesse; que se cobrasse tanto imposto; que se carregassem as riquezas para além-mar.

A neta de seu Caulim foi das poucas, quiçá a única, a antever que Itaparica não precisaria ir à guerra, pois esta viria a Itaparica. Na ilha havia o Forte de São Lourenço, apetitoso em tempos bélicos (que o dissessem os holandeses que o haviam tomado nos idos 1600). Então, por meses, se pôs a arquitetar o que uma mulher pobre como ela poderia fazer quando aportasse a marinha portuguesa vinda do Reino. E foi capaz de bolar um pueril e pitoresco plano — que pôde ser posto em prática em outubro de 1822, quando oito canhoneiros lusitanos ancoraram muito próximos à sede da ilha.

Durante uma reunião de homens que perdiam tempo discutindo se tomariam atitudes conservadoras, ou liberais, ou moderadas, Fel apareceu de supetão.

— Cobro duas sacas de feijão pra pôr aqueles barcos fora de combate — desafiou.

— Uma mulherinha contra uma esquadrilha?! — riram os homens, contrariados com o atrevimento de uma preta que vinha meter a colher em assunto de machos.

— Aposta baixa; prêmio alto — ela rebateu. — E, se eu falhar, pago quatro sacas.

Dias depois, Fel e duas primas foram de barco até a praia de Manguinhos, onde flutuava a flotilha portuguesa. O dia e o horário haviam sido meticulosamente escolhidos: naquele 18 de outubro a lua era nova, e a maré estava lacustre. O barquinho de *seu* Caulim ia de lanterna apagada porque Fel conhecia, de cor e navegado, a faixa dos corais. Vindo sorrateiras de alto-mar, as moças estavam armadas, mas não com mosquetes nem com espadas. E sim com cupim. Centenas de milhares deles. Dias atrás, Fel espalhara a exótica notícia de estar *comprando* cupins — desde que vivos, desde que postos em sacos ou bexigas fechados, e desde que entregues em data específica. Muita gente humilde apareceu e foi embora feliz de trocar uma praga por feijão-mulatinho.

Coube a Maria Felipa de Oliveira subir ao convés de cada canhoneiro e abrir cada saco para os bichos saírem. Entrou como sombra, se esgueirou como brisa. Os insetos tiveram toda a madrugada para se meter por cada orifício e fresta, escotilha e camarim. Quando o comandante da flotilha se deu conta da infestação, já era tarde. Achando que a cupinzama provinha da água, deu a urgente ordem de partir e rumar a um estaleiro de Recife. Foi divulgado semanas depois que as perdas haviam sido irreversíveis.

Apesar de o episódio render respeito à filha de Dona Dora, a grande reputação ainda estava por vir. As batalhas pela Independência do país sediadas na Bahia vinham se desenrolando desde junho de 1822. No início de 1823, Fel já liderava quase duas centenas de homens e mulheres pobres — entre negros, tupinambás, tapuias, brancos, mestiços — munidos apenas de facão, porrete e encanto. O alvo: 42 embarcações lusitanas comandadas pelo coronel Madeira de Mello, que ousaram ancorar na ilha.

Era o 7 de janeiro. Poucos dias após a chegada, os lusos viram se aproximar pela orla uma vistosa procissão de 40 mulheres. Havia índias, negras, mamelucas, cafuzas. Escolhidas a dedo. Uma delas era Fel. Todas lindas e com muitos dentes. Bem vestidas e perfumadas. De unha feita, cara pintada. Usavam sandálias e luvas brancas. Traziam na mão direita uma travessa com quitutes, ou uma cabaça de cachaça, ou café recém-passado. Na mão esquerda, arrastavam cada uma um galho florido. Depois de dar boas-vindas entoando vivas ao rei Dom João VI, o mulherio exibiu um selvagem ar de sirigaitas, que fascinou os soldados que havia dois meses não viam vulto feminil.

Um dos marinheiros indagou o porquê do galho com flores.

— A gente varre a praia pra todo varão de Portugal que for passar — Fel mentiu.

E deu um sorriso de sereia negra. Desde os conveses, a olho nu ou por lunetas, os demais soldados vislumbraram a paradisíaca promessa de um cabaré a céu aberto, gratuito e de luxo. E acorreram à praia. Em pouco tempo, estavam todos embriagados e despidos. Foi nesse estado que levaram uma insólita surra de cansanção. Os galhos floridos que a mulherada trazia era de urtiga-fogo, também conhecida como arre-diabo. Caule, folhas, frutos e até pétalas cujos pelos causam queimadura e arrancam vergões.

Até então oculto nos coqueirais, o restante do grupo liderado por Maria Felipa entrou em cena. Os rebeldes dominaram os soldados, os amarraram, cataram da areia suas armas, vestiram seus uniformes militares e rumaram à esquadra em botes silenciosos. Renderam a tripulação de cada canhoneiro. Atearam fogo em todos. A pólvora no paiol dos porões gerou 42 fabulosos estrondos,

ouvidos até em Salvador. Até da ilha de Tinharé. Para quem soubesse escutar, os estouros prenunciavam uma vitória brasileira. As batalhas só terminariam meses depois, incluindo uma tomada do forte pelos nativistas, mas com certeza a ausência de uma esquadra fez toda a diferença.

Maria Felipa de Oliveira viveu até 4 de julho de 1873. Com tempo de sobra pra testemunhar: o Brasil dos imperadores continuava tão injusto quanto o Brasil dos reis. Resignou-se vendo que Itaparica continuava ilha e linda. Fel partiu anciã, serena e matriarca: com um certo Gonçalo, teve 9 filhos, 26 netos, 35 bisnetos, 11 trinets. Desvelou a capoeira a toda descendente que quis aprender. Em seu último dia, se levantou e foi catar mariscos. Havia um céu muito julino e azul. Tomou água de coco. Segurou o mais recente trineto nos braços, e a surdez não a impediu de ouvi-lo proferir a primeira palavra: “caranguejada”. Almoçou moqueca de cação. E morreu às 13h15, em plena sesta. Sorrindo por ver, pela primeiríssima vez, de cima, o lugar onde tinha sido tão feliz.



INDEPENDÊNCIA OU MORTE

José Eduardo Marco Pessoa

Não penso muito antes de dormir, vou para a cama simplesmente para estar deitada na escuridão, tendo por coberta esta barreira que cobre todas as coisas que compõem a paisagem do meu quarto, impedindo que me distraia com elas antes de, devagar, perder a consciência deste mundo e mergulhar em um espaço que, a cada noite, é diverso e fascinante. Já não me restam muitas diversões nesta vida e, por isso, esconjurando a monotonia dos dias sempre iguais, vejo a noite como uma festa galante pois, só sonhando, me sinto feliz, lembrando-me de tudo e revivendo as partes mais belas da minha vida.

Mas poucas coisas estão tão presentes e claras em meus sonhos como as festas que meu pai mandou celebrar quando o Brasil virou Império, isso em 1822, quando eu tinha somente 6 anos. A coisa mais linda que eu vi em minha longa vida foram as luminárias e a procissão que, saindo da Matriz, percorreu aquela meia légua que separava o arraial da fazenda de meu pai, que não é este sítio onde moro atualmente, mas a antiga, a da Outra Banda, que ficava do outro lado do rio, por isso o seu nome, que meu sobrinho mandou desmanchar para aproveitar a madeira para o sobrado que construiu na rua Direita e onde, há 90 anos, nascendo o rio e o cascalho revolvido das datas de meu pai, que che-

gavam quase na frente da varanda da casa onde ele, nascido no reino, mas há muito tempo já brasileiro, como dizia sempre, com olhar perspicaz e vigilante, controlava os negros trabalhando na bateia.

As luminárias e as festas de 1822! A gente com suas melhores roupas, felizes e patrióticas, todas reunidas na grande sala de jantar que não existe mais, comendo e bebendo entre discursos e gritando “viva o Imperador” e os enfeites das palmeiras com os emblemas de palma que comemoravam a Independência da minha terra das tirânicas Cortes de Lisboa nunca mais saíram de minha cabeça, bem como as danças dos negros, que com tambores e atabaques, ao lado do fogaréu que ardia no centro do terreiro, dançavam e rebolavam as ancas em uma imagem de luz e sombra que na ocasião me assustou, e que por muito tempo acompanhou os meus sonhos sempre associados à luxúria. Deus me valha! Mas, também havia uma alegria e descontração que nunca pude viver em minha vida, pois nunca balancei as ancas, rebolei ou pulei ao lado de uma fogueira, ao contrário da Crispina, minha amiga de infância de todas as horas, que naquela noite, como uma possessa e endemoniada, rebolou e balançou as suas infantis ancas sob os olhares felizes de meus pais, meus tios, primos e toda a parentela reunida na varanda, sem nenhuma censura, sem nenhum agravo, pois aquele era um dia especial onde tudo era permitido, até mesmo que eu fosse para a cama muito mais tarde do habitual, coisa que poucas vezes aconteceu na minha vida, mesmo adulta. E por incrível que pareça, não me adormeci nos braços de minha ama de leite, avó da Cassiana, como acontecia sempre, mas permaneci acordada, fascinada com tudo que pela primeira vez via, o ritmo dos tambores, a dança dos negros, as luzes, a multidão reunida

e os constantes “viva o Imperador” que todos gritavam e que eu tentei gritar também produzindo sorrisos e carinhos para os que estavam próximos de mim, e um apertão nas bochechas dado pelo meu pai, que carinhosamente me chamou de brasileirinha linda...

E quem era este Imperador que todos os presentes, também os negros do pátio, ovacionavam aquela noite? Pois Imperador era quase um rei que, segundo Lindaura, minha ama de leite, sempre é um galante cavaleiro que se apaixona por uma princesa loura e que, depois de tantas aventuras e perigos, se casam e vivem felizes para sempre num lindo castelo, que sempre imaginei semelhante ao sobrado do Barão, que está bem na frente da Matriz, a casa mais luxuosa desta Vila de Santana, e que não competia em comodidades e presença na rua com a casa de meu pai, baixa, digna e antiga, mas não tão imponente e moderna como o sobrado do Barão, que, aliás, era conservador ao contrário do meu pai, seu adversário político desde sempre nesta abominável política, que divide os homens e, creio, no fundo da alma, que o construiu assim com tantas pompas e galas para fazer despeito a meu pai, e para mostrar à Vila de Santana e ao mundo que o conservadorismo era muito melhor que o liberalismo, pois era sobrado conservador e não casa liberal, térrea e chã.

O Imperador que tanto se falava nos meus seis anos o conheci somente quando cheguei aos dez, através de uma gravura que o meu tio Bernardo trouxe para meu pai e que ele logo mandou fazer moldura e pendurar no lugar mais nobre do salão da Outra Banda, acima mesmo da estampa de Nossa Senhora da Conceição, o que me apareceu, na época, em vista da minha fixação às alturas, como o mesmo que acontecia em relação ao sobrado na frente da Matriz ou seja, que o Imperador era melhor que a mãe

de Deus, já que estava mais alto do que ela no lugar mais nobre da casa, contemplando com seu olhar magnânimo os visitantes, que se sentavam bem abaixo de sua privilegiada posição. Trouxe comigo esta gravura, já amarelada e manchada para o meu sítio, quando meu atoleimado sobrinho desmanchou a sede, pois é o herdeiro de meu irmão maior, que pouco conheci pois sou filha temporã e ele, quando nasci, já estava no colégio e morreu depois de dois anos de casado, período no qual teve tempo de gerar meu sobrinho, criado pela mãe na Corte, e que foi o herdeiro da Outra Banda.

Quando este desmanchou a sede da fazenda que herdara, trouxe para o sítio a estampa por uma razão que somente a senilidade e os anos fazem com que eu a confesse agora, pois já estou mais próxima de uma outra vida do que desta. A razão foi ser ele o primeiro e único homem pelo qual que me apaixonei. O Imperador, que agora, aos dez, pela primeira vez, via as feições. Soube no momento que as vi que era mais do que justificadas as festas que lhe fizeram quatro anos antes, pois homem tão galante e gentil sem dúvida merecia as homenagens mais grandiosas.

Lembro-me também do meu potrinho Ipiranga, a animália mais dócil que jamais tive, presente de meu pai que lhe pôs este nome para homenagear o riacho — e onde se viu potro ter nome de riacho? — lugar onde o meu príncipe formoso deu o tal grito que fez com que os meus avós portugueses virassem estrangeiros. O meu potro não grita, somente relincha, mas o meu Imperador gritava, pois era homem valente, e com um grito nos tornou independentes fazendo de nós um Império tão grande que as suas fronteiras se perdem entre florestas densas e impenetráveis que ninguém sabe onde acabavam. Segundo meu primo Belizário,

filho da minha tia Teresa, irmã de minha mãe, que vinha passar umas temporadas na Outra Banda, o Brasil era tão grande que Portugal, perto dele, era do tamanho da bunda de uma tanajura se comparada com o Galante, nosso melhor garanhão, sempre elogiado por todos que o viam, e como diz o seu nome, sempre galante no curral, imperando sobre todas as éguas como um rei com as suas súditas.

E o Galante também era muito namorador, tinha potrinhos de todas as suas súditas, como o meu Ipiranga, um de seus últimos rebentos, pois o meu pai fazia que ele se casasse com cada uma delas para que a sua nobre prole pudesse fazer dos nossos cavalos e éguas os mais formosos da região. Diziam também, e isso ouvi depois dos almoços, na varanda, que nosso Imperador era muito namorador e tinha tantos filhos como o Galante, espalhados pelo Império como o nosso Galante tinha potros espalhados pelo nosso pasto.

Que inveja tinha naquela época do Belizário por ele ter conhecido de perto o Imperador quando foi com o pai a Ouro Preto, sendo que eu o conhecia somente pela gravura que imperava no salão da fazenda, como Galante imperava no curral e Nossa Senhora da Conceição imperava no céu junto aos anjos, arcanjos, querubins e serafins no seu trono de ouro. Mas, eu lá tinha as minhas ideias e xinguei o Belizário por me dizer estas maldades descabidas a respeito do Imperador. Como era possível que ele, tão meigo e gentil, não tivesse olhos somente para a Imperatriz, princesa de outras terras distantes, tão meiga e gentil como ele, andando por aí aos namoricos com súditas inferiores à sua régia majestade e povoasse o pasto do Brasil com filhos malnascidos

fora da sagrada instituição do casamento, tal como a Juliana, vendeira na Vila, que diziam tinha 7 filhos de sete pais diferentes.

O Belizário me disse, do alto de seus 15 anos, que isso era assunto de homens e não era assunto para meninas. Pois bem, era assunto sim, pois ele estava dizendo que aquele que fez da colônia que éramos quando nasci, em 1816, um Império tão grande como o Galante comparado à bunda da tanajura que era Portugal, pudesse estar indo contra as leis de Deus, comportando-se como aqueles sete desconhecidos homens malnascidos que respondiam por cada um dos sete rebentos da vendeira. Devo dizer que me perguntei se um destes pudesse ser meu Imperador, mas logo abandonei tal ideia, pois, a Júlia era feia e além de tudo mancava de uma perna, e que o galante Dom Pedro jamais iria de namorico com uma vendeira da Vila. “Quem sabe o que acontecia nos seus palácios?”, pensei, mas logo também fugi dessas especulações, pois, como dizia meu primo, isso não era assunto para meninas e o que os homens fazem são assunto de homens.

Independência ou morte! Morte bem sei o que é, pois, a vejo sempre quando a Joaquina, nossa cozinheira, prepara os frangos ou o Raimundo mata o porco, mesmo que a morte de gente que tem alma é diferente, mas no fim das contas não deixa de ser o mesmo, os animais vão para a panela e a gente vai para o cemitério, mas ambos viram comida. Mas, Independência era outra coisa, um conceito mais abstrato e cheio de nuances que nunca compreendi direito por ser mulher. O meu padrinho dizia que a mulher deve ser, primeiramente, submissa ao pai, por ser ele aquele que a gerou e a colocou no mundo; depois, ao marido que, pelos laços sagrados do matrimônio, substitui o pai e a quem mulher decente e temente a Deus deve amar e respeitar até que a morte, sempre

ela, os separe. Mulher independente, que leva a sua vida sem os freios da família ou do matrimônio, era uma mulher degenerada, que foge de seus deveres.

Por isso pensei, ao fim da aula de catecismo, que meu padrinho sempre nos dava antes da missa, que se celebrava na ermida da fazenda aos domingos, que o meu Imperador liberou o Belizário, meu pai e tio, mas não a mim, pois nunca poderia almejar a Independência que ele proclamou e estaria condenada a ser sempre colônia, seja do meu pai e depois do meu marido pelo resto de meus dias. Tal pensamento me veio natural, na varanda, na porta da ermida depois do catecismo, quando contemplei os escravizados do meu pai no terreiro, à espera de ouvir o breve sermão que meu tio dava aos negros depois de celebrar a missa para nós. Tive a consciência, neste momento, que também eles, como eu, eram colônia de meu pai, como eu era, e no futuro, alguns deles, também seriam a minha colônia, pois herdaria alguns quando a morte, sempre ela, fosse ceifar meus pais e eu, neste futuro, já seria colônia de meu marido. Fiquei triste ao compreender que eles estavam piores do que eu, pois neste raciocínio seriam colônia de uma colônia, duplamente submissos a mim e ao seu senhor, como eu seria submissa a meu marido, senhor deles.

Perguntava nestes dias, mas não ao Belizário, que iria me calar dizendo que isto era assunto de homens, porque o Imperador, em 1822 com a sua e nossa Independência ou morte, não fez independente também os negros e as meninas, como fez independente o Brasil em relação à madrastra lusa. As meninas e o negros não eram também parte do Brasil? Qual a razão de apenas libertar uns e deixar os outros, os escravizados e as meninas dependentes de seus senhores, pais e maridos?

Devo confessar que tudo isso ia além da minha inteligência, e até hoje não consigo entender por que algumas vezes se pode ir contra as leis de Deus e o catecismo e outras não. Lembro-me do caso de Isidora, mulher do Gregório Ferreiro, que um dia esquecendo os mandamentos fugiu de casa deixando o Gregório com três filhos e sumiu no mundo sem que nenhum de nós soubesse o seu fim. Era certo que o Gregório bebia e, como o Galante e Dom Pedro, gostava de namoricos com outras éguas ou moças, mas era o seu marido aos olhos de Deus, e nada justificava esta independência ao jugo do padrasto ou melhor dizendo, do marido padrasto, pois a submissão é o que as mulheres como as filhas devem ter em relação aos seus pais e maridos. E me perguntava se a Isidora fez o mesmo que fez Dom Pedro em Setembro de 1822? Devíamos dar vivas a Isidora como demos ao Imperador do Brasil? Para ela, foi, segundo ouvi falar, uma verdadeira independência ou morte, pois o Gregório disse uma vez, já bêbado na venda do Tônico, que aquele estúpido não era mulher para ele, que não via o dia que a Isidora morresse para que pudesse, então, se casar com uma mulata jeitosa que morava à beira do rio, “casar”, dizia ele, porque juntar já estava juntado, e diziam que também era pai, com ela, de outros dois meninos, tal como o Galante com seus potros e Dom Pedro com seus filhos.

O que faz então a Isidora ser uma mulher perdida, digna da maior piedade e o Imperador o herói de toda a nação? Por que esta tal de independência é, algumas vezes, tão bonita e algumas vezes e tão indigna, podendo ser ao mesmo tempo uma coisa e o seu completo contrário, dependendo daquele ou daquela que a almeja e finalmente a realiza? Na minha longa vida, essa dúvida sempre me atormentou, pois muitas vezes a independência,

para mim, sempre se associou com as mais diferentes e estranhas formas do conceito de morte ou do fim das coisas, que pareciam eternas e imutáveis, substituídas por novidades que sempre me alarmaram e fizeram que a vida, de certa maneira, perdesse aquele encanto das coisas fixas e definitivas. Descobri que sempre vivi no fixo e definitivo mesmo que, ao meu lado, dentro de minha própria família, predominava, ameaçadoramente, o mutável e o fugaz. Parece-me que comigo irá morrer um mundo e aquele que permanecerá depois de minha morte será tão incompreensível para mim que, muitas vezes, penso que seria muito melhor estar perto do Barão, do meu pai e tio, de minha mãe, de meu irmão que pouco conheci, do cavalo Galante e do meu potro Ipiranga, que já faz muito tempo pararam de comer capim, namorar e relinchar.

Daqui a alguns anos, e espero não estar aqui para comemorar, fará 100 anos que na varanda da Outra Banda, eu e uma multidão de mortos vivenciamos aquele Setembro com festas e luminárias. Tinha seis anos e o Brasil independente nascia. Hoje, vivo com a Cassiana que, de certa maneira, é a continuidade de um mundo que se apaga, na medida que aqueles poucos que o viveram logo irão se juntar à legião daqueles que também o viveram, e hoje são somente lembranças para os vivos, para os meus filhos e netos que estão na Corte, melhor dizendo, na Capital da República, que também tem o seu dia, 15 de novembro, porém, pelo menos aqui em Santana, foi um dia sem luminárias ou procissões, nem com pretos dançando no terreno das fazendas, sempre mais decadentes e vazias de trabalhadores e produção, onde não ouvi “viva a República” pelas ruas, bem que o Fernando tipógrafo, resolveu fazer uns panfletos falando de um tal de Deodoro e de um tal de

positivismo, que nem sei o que é. Nasci em Santana e aqui vou morrer e ser enterrada no cemitério novo, bem longe de meus avós, de minha mãe e de meu pai, que estão lá na Matriz, mas hoje não se pode mais descansar no solo sagrado e acompanhar todos os dias a missa na nossa cama de terra debaixo do assoalho e perto dos altares.

Sim, desejaria agora estar de novo comemorando o nascimento do meu irmão mais novo, o Brasil, que assisti naquele dia, ou melhor comemorei, pois não estava presente neste tal de Ipiranga. Imagino que deve ser parecido com o Ribeirão do Açude, que ficava atrás da Outra Banda, e onde o Belizário muitas vezes remedava Dom Pedro, puxando a espada de madeira que o Celestino, mestre carapina, fez para ele, mas o Belizário não parecia com o Dom Pedro, não tinha bigode, seus cabelos eram curtos e seus lábios não eram vermelho sangue e molhados. Não, o Belizário era um péssimo Dom Pedro lá com os seus assuntos de homens montado no meu potro Ipiranga que, mesmo sendo um ótimo potro, dócil e tranquilo, nem chegava aos pés do azalão do Imperador naquele dia memorável.

A verdade é que poucas pessoas estão interessadas nas minhas lembranças, pouca gente me pergunta sobre a Outra Banda, sobre o meu pai, sobre o Barão, sobre as comemorações de 1822 e outras coisas do passado. Ninguém quer saber destas coisas velhas e até mesmo o afilhado da Cassiana, um dia olhando a gravura que trouxe da Outra Banda me perguntou se aquele homem vestido como o Rei do Congado seria por acaso o Tião, nosso rei honorário, que aliás era padrinho dele? Disse-lhe que não, não era o Tião, mas sim o Imperador que libertou o Brasil de Portugal, e sabe o que disse o pirralho? Simplesmente soltou um

“viva a República”, que deu um chute na bunda do velho barbudo mandando-o para longe... “Pirralho boca suja”, dei-lhe um puxão de orelhas que ele deve lembrar até hoje, e logo correu para fora chorando e dizendo Floriano, Floriano... Depois descobri que era aprendiz na tipografia do Fernando, aquele dos panfletos e dei-me conta então que a República tinha chegado a Santana. Triste sina do mundo.

Mas, para deixar claro o que a idade me ensinou e para terminar, devo confessar que a tal da Independência sempre é algo que a gente não divide com ninguém. Algo que existe sempre dentro de nós e que não dá para partilhar com os outros. A minha independência nasce quando estou apartada deste mundo, dormindo no escuro do meu quarto. Só ali, de noite, sou independente e sonhando posso ser o que realmente sou, refazendo tudo que vi, pois devo confessar que, às vezes, sonho não só coisas realmente acontecidas comigo, mas também algo que não foi, mas que poderia ter sido, onde as distâncias geográficas pouco importam e o tempo pode ser muito largo ou curto, não estando sujeito aos ponteiros do relógio.

Vou lhes contar o meu último sonho que me deixou muito feliz: era 1822 e tinha crescido, não tinha 6 anos, mas era uma moça muito bonita e elegante, e o Belizário tinha me convidado para passear lá no Ipiranga que não era longe da fazenda. Nem pedi permissão a meu pai e tio para sair com o Belizário, no meu sonho eu era independente e fazia o que me dava na telha, e montei no Ipiranga, que era um alazão branco e formoso, e fomos cavalgando até chegar ao ribeirão, onde muita gente estava reunida, como acontece nas missas campais. Apeamos dos cavalos e esperamos o que iria acontecer. Como nos sonhos, uma música celestial

começou a soar e de uma nuvem saiu um garboso príncipe com coroa e manto, montado em um lindo cavalo alado que, voando sobre todos nós, pousou ao lado do riacho e vendo a seu lado uma velha magricela e feia lhe deu um tal pontapé nos traseiros que ela foi parar do outro lado do oceano, chorando a perda do filho e de suas terras, pois o garboso príncipe era seu filho que lhe tomou a fazenda sacando a sua espada e gritando com sua possante voz: “Independência ou morte!”. Ai, logo após ouvir este grito, morri. Morri no sonho e morri também neste mundo.

Depois, o príncipe desapareceu. O Belizário sumiu, o Ipiranga desvaneceu e tudo ficou muito escuro. Pareceu-me que tudo tinha acabado, e o silêncio era uma neblina que tudo recobria, os sons, as coisas e os meus pensamentos. Bem lentamente, a luz voltou, uma luz mortiça, apagada, que somente permitia distinguir o contorno dos objetos. Estava deitada no catre de minha alcova na Outra Banda. Tudo estava tranquilo e sereno e pelas gretas dos batentes da janela vi que amanhecia. Ouvi o galo cantando e os primeiros sinais de labuta no terreiro. Estava tão bem, tão repousada, que pensei ficar ali por toda eternidade, mergulhada no meu colchão de crina e com a manta cobrindo-me o pequeno corpo, mas não, ouvi minha ama de leite, a avó de Cassiana, dizer bem baixinho no meu ouvido: “Sinhazinha, levante-se rápido, a Sinhá disse que você vai ter de estar muito bonita hoje, vai ter festa na fazenda”...



UM OUTRO GRITO

J. C. M. Magalhães

Não sou daqueles que acreditam em vida espiritual fora ou depois do corpo. Fujo do misticismo, duvido de certas pregações do padre e nem mesmo sei se existe Céu e Inferno. Se perdi a fé em dogmas da religião de verdade, aquela que herdei de meus pais, como iria crer em espíritos e reencarnação? Não faz sentido. Veja bem, se a pessoa não lembra coisa alguma de sua vida anterior, como ainda seria a mesma pessoa na vida atual? Posso ser eu mesmo sem saber que sou? É esquisito. Tem muito mistério no mundo. Sonhos, por exemplo, o que eles significam? São profecias divinas ou fantasias sem sentido? Lembrança de além-túmulo, viagem astral, regressão a vidas passadas, carma, destino atávico... nenhuma dessas coisas é cristã e seria melhor evitá-las, mas uns sonhos que tive há alguns anos quebraram minhas certezas. Escute-me e depois diga o que acha.

Eu tinha treze anos quando meu pai me levou para conhecer o Museu do Ipiranga em São Paulo e lá procuramos o Salão Nobre, pois papai queria me mostrar o famoso quadro da proclamação da Independência do Brasil. A imagem enorme me fez sentir dentro da cena. No meio da tela, montado em um alazão, D. Pedro I em uniforme de gala e com a espada desembainhada parece gritar “Independência ou morte”, o título da obra. Atrás do príncipe,

civis comemoram com os chapéus nas mãos. Na frente e à direita, oficiais da guarda de honra acompanham o gesto do príncipe com suas espadas. Alguns retiram as insígnias portuguesas dos seus uniformes. Adiante, se vê um pedaço da margem de um riacho, o Ipiranga. Do lado esquerdo, um carreteiro observa a cena, enquanto segura os bois que puxam um carro rústico carregado com troncos de árvores.

Examinei cada detalhe, mas ao invés de me deter nos personagens gloriosos, fui atraído para o caboclo do carro de bois e que olhava a cena como quem não entende, estando mesmo perturbado por ela. Voltei a olhar a figura do príncipe, examinei seu porte, cavalo e espada. Depois corri os olhos em semicírculos, pela direita e pela esquerda da tela, reparei nos detalhes da paisagem e das pessoas representadas. Em todas as vezes acabei me detendo na modesta figura do carreteiro que, de mero figurante, se tornara para mim o principal personagem. Como ele teria chegado naquele lugar pedregoso ao lado da estrada? Se seguisse reto, o carro cairia no riacho...

Permaneci boquiaberto até que papai me chamou porque havia muita coisa para ver além da tela. De fato, foi o primeiro museu que visitei, e tudo encantava. Passeamos pelas galerias atraídos por antigas armas, instrumentos de tortura, artefatos indígenas, velhas moedas e ferramentas da época colonial. Mas, nada superou o impacto da grande tela do salão principal.

À noite, tive um longo sonho.

Eu era adulto, vestia farrapos e, de longe, olhava uma cena parecida com a do quadro. Havia um grupo de militares com seus uniformes e cavalos, alguns cidadãos em mulas ou a pé e um pa-

dre que, com um envelope nas mãos, acenou para um rapaz imponente, mas meio desalinhado e aflito. Era um jovem de aspecto nobre, retornando para a formação enquanto os demais o aguardavam. O padre lhe disse qualquer coisa, e ele lhe arrancou o papel das mãos, leu, ficou pensativo, disse que o chamavam de volta à metrópole e gritou algo sobre separar o Brasil de Portugal, os demais logo responderam dando vivas ao jovem que os liderava.

Seguiram-se conversas animadas. O líder fez um sinal para que a comitiva se preparasse para seguir viagem, em seguida trocou umas palavras com o padre, e cada um dos participantes foi cuidar de suas próprias coisas.

Após montar e antes de enfrentar a estrada para São Paulo, o nobre passou por mim e disse: “Acabas de assistir a um evento que ficará registrado nos anais da História”. Então, pegou um pequeno objeto do alforje e jogando-o para mim disse: “Deves guardar isto de lembrança e contar o que vistes para teus filhos e netos”. Era uma pequena medalha de cobre, engalanada com uma fita nas cores do Império português, vermelho e verde.

Eu não entendi nada daquilo; acalmei os bois e esperei o grupo ir embora e, então, voltei para a estrada e segui margeando o rio Ipiranga até a sede da fazenda, ali perto. Já próximo à casa grande, ainda vi a tropa se distanciando na estrada íngreme. Mais tarde, eu soube que era a comitiva de D. Pedro, o príncipe regente, que passara por ali. Guardei a medalha sem mostrar para o patrão. Ele podia achar que eu tinha roubado.

O cenário do sonho então mudou. Onde era caminho de terra, agora havia uma autoestrada. Ao invés de carro de bois e tropas de burros, passavam caminhões imensos em grande velocidade.

de. Vi gente morrendo como barata e, em estertor, um esqueleto me apontou o dedo e sua voz troou, “Quem tem de proclamar a Independência és tu!”.

Acordei suando. Aquilo não me saía da cabeça: o sonho e o quadro, falavam ou não do mesmo caso? Fui especular com meu professor de História, o Bernardo. Gosto dele e da matéria, mas resolvi não mencionar meus delírios noturnos, ele poderia achar que sou maluco.

— Professor, fui no Museu do Ipiranga no sábado...

Aquilo bastou. Bernardo quis saber, eu contei da visita e perguntei:

— Foi daquele jeito mesmo, professor? Igual ao quadro?

— Não, aquilo é uma interpretação romântica da cena. O pintor, Pedro Américo, nem tinha nascido naquela época. Nem sei se havia alguma testemunha viva quando pintou, aliás, ele estava morando e estudando na França. A obra tem a ver com a criação de um imaginário, um mito fundador para o país.

— Então é mentira?

— Eu não disse isto. Ele pintou como achou que deveria ter sido, de forma adequada para a época. É simbólico, não um documento exato. Na verdade, não dá para saber ao certo como as coisas aconteceram, mas temos o testemunho escrito de alguns participantes ou de gente que falou com eles.

— E o grito?

– Deve ter acontecido. Talvez tenha dito “Independência ou morte!”, mas pode ter sido outra coisa, até mesmo algum palavrão. Quem sabe?

O professor seguiu contando; falou sobre as dificuldades da viagem entre Cubatão e São Paulo pela Serra do Mar na época, e sobre o uso de mulas como animal de carga e montaria. Falou sobre a provável dor de barriga de D. Pedro – rimos muito – e, finalmente, contou que para Portugal aceitar a Independência, o Brasil teve de pagar uma indenização enorme. Pior, como não havia reservas suficientes, a jovem nação precisou se endividar fazendo empréstimos junto a bancos ingleses. Por fim, ele disse que poucos anos depois D. Pedro I abandonou nosso país para assumir o trono do Império português.

Eu fiquei achando que se a história não era mentira, estava cheia de furos. Pagar pela Independência? Ficar devendo para bancos ingleses? Abandonar o país para assumir a Coroa de Portugal? Para um brasileiro como eu, nada soava muito patriótico ou heroico. Senti-me como o matuto do carro de bois, irremediavelmente afetado pelas decisões de nobres, banqueiros e generais, mas, ao contrário dos figurões, apenas olhando embasbacado e sem participar nos acontecimentos.

O sonho parecia menos com o quadro e mais com a história do professor Bernardo. O intrigante é que eu tinha sonhado antes de falar com ele. Fui embora querendo entender melhor tudo aquilo. Levei comigo os dois volumes que o professor tinha me emprestado.

Em casa, eu li sofregamente os livros, quer dizer, as partes sobre a declaração da Independência. Não eram iguais, mas am-

bos corrigiam a versão do quadro. Comparei com o meu manual escolar onde o pouco que tinha sobre o episódio, parecia com a visão representada na tela. Recentemente eu consultei a internet. A máquina retornou carradas de textos, impossível ler tudo, mas conferi o suficiente para notar que cada relato é, pelo menos, um pouco diferente dos outros. Onde está a verdade?

Voltando ao assunto, uns dias depois do sonho uma lembrança me acudiu e fui olhar no bauzinho de mamãe. Meu pai mantinha as coisas dela como se ainda estivesse viva. Entre papéis, fotos antigas, joias e bijuterias, encontrei uma medalha de cobre, com o brasão do Império português e um resto de fita verde e vermelha carcomida pelas traças.

E agora? Será que já a tinha visto a medalha e, mesmo sem lembrar, ela me afetara a ponto de provocar o sonho ou, ao contrário, o objeto até então desconhecido confirmava uma mensagem profética em forma de sonho?

Na noite seguinte sonhei novamente. Eu estava diferente, era adulto e bem-vestido. Uma senhora muito idosa me entregou um pequeno embrulho dizendo “Meu neto, eu estou partindo. Esta medalha meu avô ganhou do imperador Pedro I, pai deste que nos governa. É legado de família. Guarde porque é a prova de um crime. Se queres mesmo a independência, ela tem de ser lavada com sangue”.

Acordei suando. Só conheci minha avó por fotografia, ela já era falecida quando nasci.

Sem ter como falar dessas coisas com meu pai, um homem prático, fui procurar o tio Alberto. Perguntei sobre a origem da família. Ele contou das primeiras referências ao nosso ramo dos

Tibiriçá que datavam do início século XIX. Eles eram mestiços, pardos, ou melhor, da nossa cor mesmo. Eram pobres, mas, até onde se sabe, gente livre e que nunca escravizou ninguém. O avô do meu bisavô começou como tropeiro e depois montou um pequeno comércio para servir aos viajantes. O filho dele lutou no Paraguai. A família foi melhorando, teve gente que estudou, mas ninguém ficou rico, pelo menos no nosso tronco, isto é, nossos ancestrais diretos. Perguntei da Independência para o tio Alberto. Ele não sabia detalhes, mas o “Grito do Ipiranga” tinha acontecido perto de onde viveram nossos antepassados.

Por anos, sem muito método, investiguei os eventos relativos à Independência do Brasil e à origem da minha família, mas sem chegar a nada conclusivo em nenhum dos temas. Não sei se há relação significativa entre eles. Quando papai morreu, eu fiquei com a insígnia. De vez em quando olho para ela. Ninguém acredita na história contada por minha avó, que seria presente dado por D. Pedro I para um antepassado nosso. A medalhinha parece chinfrim demais para ser coisa de príncipes e imperadores. Eu sei lá.

Ontem à noite voltei a sonhar com o objeto. Depois de todos estes anos, foi inquietante e não sei o que pensar. Será que está virando obsessão?

O jovem D. Pedro I passa por mim, apeia de seu alazão, faz um sinal para a comitiva que se afasta. Na garupa traz seu filho, D. Pedro II. O filho, com longas barbas brancas, é muito mais velho que o pai. Eu sou um menino pálido e franzino. Pedro II aponta a medalha em meu peito e fala “Portugal também caiu. Esta história de ‘independência ou morte’ é uma fábula e uma cilada: a guerra não tem fim. Nós, os mortos, no máximo podemos prevenir os

vivos. Forasteiros armados desembarcam no norte e no leste do país. Traidores locais irão se aliar a eles, se já não o fizeram. Confronte-os com projéteis de *ayahuasca*, canto e danças. É a melhor estratégia nesses casos. Se a ocasião permitir e se julgares vantajoso, poderás propor um acordo ao invasor”.

Então, reparo em meu corpo e sinto seu poder, sou um adulto vigoroso, minhas mãos são enormes, assim como meus pés, que estão descalços. Coisa de gente da lida. Voltei a ser mestiço e pobre, mas não fico parado ao lado da cena como o antigo carroceiro. Ao contrário, tomo a dianteira e corro para buscar minhas armas. A hora se aproxima, e estou pronto. A euforia da batalha invade meu coração.



O PANTEÃO

Pedro Costa

Contam os antigos que, certo dia, uma bela virgem nativa reuniu a coragem necessária, e atendendo ao clamor que irrompia de suas entranhas, fugiu da aldeia para tentar encontrar aquele a quem se juntaria pelo resto de sua vida, pois não o reconhecera em nenhum dos membros de sua tribo. Dia e noite, ela vagou por entre densas e espinhosas matas, entremeadas por longas distâncias de areia e pedra, até alcançar outra nação indígena, onde encontrou o tão almejado amor. Uniram-se e em seguida foram ao regato próximo para banhar-se em seu remanso. Entretidos a brincar na água cristalina, resvalaram sem querer nas mágicas folhas de um pé de jacamincá, a “erva do jacamim”... Como num relâmpago, viram seus reflexos no espelho d’água, transformados em duas belas aves de corpo arqueado e apoiado em longas pernas, com um bico forte e, sobre a cabeça, o peculiar “topete”, formado pelas penas eriçadas como se fossem um cocar; a plumagem, negra e brilhante, causava a impressão de um toque aveludado, sendo as costas da fêmea pardas e as do macho esverdeadas. Ela pôs então dois ovos; deles nasceram um menino forte, rodeado por uma serpente de estrelas em espiral, que recebeu o nome Pinon; e uma linda menina, que trazia na testa sete estrelas e foi chamada Ceci.

Numa manhã, o hábil menino saiu para caçar com arco e flecha e matou todos os jacamins que encontrou ao alcance de sua seta, incluindo, sem querer, seu pai, o gênio Yacamin. Ao saber da tragédia, a aflita mãe-jacamim pegou os filhos e com eles fugiu para a casa de seu pai, rio acima. Durante o trajeto, a ave-mãe acabou sendo devorada pelo boiúna, a famosa “cobra grande”, o mais poderoso e conhecido mito amazônico. Sozinhos e órfãos, os curumins subiram ao céu... lá, Pinon se transformou na constelação “Mboi”, ou “Grande Cobra” que, na verdade, é a popular constelação de Escorpião, só que despojada das estrelas que formam as garras, posicionadas logo acima da alaranjada Antares. Ceci, por sua vez, com suas sete estrelas, se converteu no aglomerado “sete estrelo”, conhecido por nós como as Plêiades, parte da grande constelação de Touro, o maior e mais brilhante agrupamento estelar de todo o firmamento.

O guerreiro está tenso; o corpo moreno e forte, não por acaso sujo com a argila cinzenta da bica e agora mimetizado ao grande muro de pedras, permanece guardado também pela escuridão da noite, mas atento. O Forte de São Lourenço aparenta ter sido abandonado pelos portugueses. Enquanto aguarda qualquer sinal sonoro que venha de dentro da fortificação, Yacamin repassa em sua mente, orgulhoso, a lenda que envolve seu nome, recebido graças aos seus longos e luzidios cabelos negros, comparados pela gente da tribo ao brilho da estranha ave trazida da região amazônica por um caixeiro, que pretendia vendê-la no Rio de Janeiro. Apesar de o pássaro ser também conhecido como jaçamim, o indígena ainda prefere seu nome do jeito que o ancião da aldeia lhe ensinara: Yacamin, que na língua nativa dos tupinambás, seu povo, significa “gênio ou pai de muitas estrelas”. Yacamin não

tem filhos. Na verdade, nem mulher ele tem, mas por ora não se preocupa com isso; um dia os terá... Enquanto não, já tem preocupações demais com o irrequieto Piatã, o irmão pouco mais jovem que ele, e com a sobrinha Aiyra, filha de Piatã com Amanacy.

Da mesma forma que chegaram sem aviso prévio, os portugueses partiram também sem chamar a atenção, de sorte que não há como saber se deixaram guardas no forte; sequer dá para se ter certeza de haver ficado lá dentro qualquer coisa. Mas, Barros Galvão, o valente filho da ilha, não se intimida com o que não vê; escala o muro à unha e pula para dentro da fortificação mesmo sem uma garantia de lá existirem “marotos” ou não; se existirem, o indígena sabe que seu colega os enfrentará no braço até onde puder!

Uma vez que o líder do grupo consiga abrir o portão por dentro, aqui fora tem pelo menos uma dúzia de homens bem dispostos e loucos para ajudar. Piatã está atento no outro muro, do lado sudeste, mas ao longo da praia a sombra do barranco mantém escondidos três caboclos, enquanto do outro lado da rua que leva à capela, três pescadores estão camuflados entre as ramagens da cerca viva... Além disso, o morro acima está salpicado por cinco ou seis indígenas e negros agachados nas moitas ou colados aos troncos das árvores. Para a lua, que a tudo assiste impassível, os homens parecem todos iguais, fundidos e misturados à estática paisagem. Um assobio longo é o sinal combinado para avançar até o portão; dois curtos, é para debandar.

* * *

Desde quando eclodira na província da Bahia a luta pela Independência, ainda no início de 1822, a situação já andava bas-

tante tensa em Salvador, que se encontrava agora quase em estado de sítio. A Junta Provisória de governo se deslocara rumo ao Recôncavo Baiano e se havia instalado em Cachoeira, onde a maioria dos fazendeiros era favorável à causa da Independência. Havia em Salvador água potável mais que suficiente para manter as forças leais à Corte portuguesa, mas como não se pode viver só desse precioso líquido, em 10 de julho, Itaparica foi invadida e ocupada por tropas portuguesas em busca de comida.

Além da disponibilidade de alimentos que não fossem apenas açúcar e farinha, tais como carne, peixe, muito coco e frutas em geral, a ilha era estratégica, porque ficava na rota das embarcações menores, oriundas do sul da Bahia, carregadas de mantimentos. Entretanto, como não chegasse o reforço esperado de Portugal, e as condições em Salvador já se afigurassem precárias, o contingente que estava na ilha ficou ali pouco mais de uma semana, voltando às pressas para a capital e levando consigo todo suprimento possível.

O comando interino da Junta chegou a recomendar que os itaparicanos deixassem a ilha, antevendo que o próximo ataque seria bem mais agressivo que o primeiro, mas a população local, impávida, decidiu ficar e se preparar para enfrentar os novos assaltos.

* * *

A incursão ao secular baluarte foi um sucesso. Embora os portugueses não tenham deixado na fortaleza armas leves ou munição, os canhões ficaram; doze peças ao todo. O trabalho braçal para removê-los será enorme e deve ser feito com cautela pois,

apesar do aparente abandono do forte, ainda há colonialistas na ilha; todo cuidado ali é pouco.

Piatã corre, então, até Amoreiras, com a intenção de conseguir mais reforços para o trabalho hercúleo de transportar o material de guerra conquistado. Na volta, muda o caminho e passa pelo morro do cemitério, de cujo cume se pode avistar toda a Baía de Todos os Santos e onde está de vigia a indígena Teçá, encarregada de soar o alerta no caso de perigos vindos de longe. Dizem os que bem a conhecem, que ela seria capaz de ver daqui se alguém pulasse na água em Salvador, além de também ter o poder de ouvir o som da grama enquanto cresce.

— Por aqui, tudo calmo — Teçá afirma. Amanacy e Aiyra servem de companhia; em troca, aprendem com ela a arte da atenção.

Dali, Piatã segue até a Ponta do Mucambo, onde outro ponto de defesa está sendo montado. Avisa o pessoal sobre o assalto ao forte e pede que consigam, da forma mais discreta que puderem, carroças ou qualquer outro meio para ajudar no transporte dos artefatos tomados. Piatã é sempre o escolhido para essas missões que envolvam comunicados urgentes, graças à sua habilidade de se mover com rapidez e agilidade em meio às pedras e cascalhos sem machucar os pés, além, é claro, de seu vasto conhecimento de todos os caminhos e atalhos das matas e, agora em especial, dos mangues...

O mutirão transcorria silencioso e até mesmo tranquilo ao longo da adiáfana madrugada, dado que a lua se ocultara atrás do horizonte a fim de proporcionar aos guerreiros a necessária privacidade. Antes mesmo que a ilha acolhesse os primeiros lumes

da alvorada, todo o material bélico já se encontrava realojado, a maior parte no aquartelamento das Amoreiras.

* * *

Pode-se dizer que a retomada de Itaparica começou com a Batalha do Funil, ainda em 29 de julho, quando o reforço enviado pelo Governo Interino da Província derrotou a guarnição portuguesa e assumiu o controle do Estreito do Funil, segundo ponto de maior importância estratégica, onde depois seria construída uma ponte ligando a ilha ao continente, através da Ilha São Gonçalo, e integrando-a aos vilarejos mais ao Sul.

A vitória rendeu méritos a Antonio de Souza Lima, o dono do alambique que produzia cachaça ao lado da Fonte da Bica. Português naturalizado brasileiro, ele se alistara como voluntário no Regimento de Milícias da ilha e agora, já ocupando o posto de Alferes, fora nomeado para comandar o Batalhão de Itaparica durante a Campanha da Independência, ficando encarregado de liderar as ações em todo território insular.

A sua atuação e liderança se mostraram decisivas durante toda a guerrilha de reconquista da ilha, protegendo-a do ataque desesperado dos portugueses. A estratégia estava baseada em um sistema defensivo que se iniciava no Forte de São Lourenço, rearmado e comandado pelo bravo Luiz Correia de Moraes, e que seguia com trincheiras montadas em posições privilegiadas, agora apoiadas por soldados e pequenas peças de canhão, como a Praia do Convento, o Largo da Quitanda e a Fonte da Bica, além da Ponta do Mucambo, agora guarnecida pelos milicianos do Major Rodrigues, e das praias de Amoreiras, já bastante armadas e protegidas pelos voluntários de Barros Galvão.

Na campanha, Souza Lima contou ainda com o valioso apoio marítimo do itaparicano João das Botas, apelido do Tenente João Francisco de Oliveira, que combateu as embarcações portuguesas, em especial no trecho entre a Ponta da Areia e a barra do rio Paraguaçu. Também recebeu ajuda e orientação do militar francês Pierre Labatut, oficial experimentado nas campanhas napoleônicas, que fora contratado como mercenário por D. Pedro I para organizar o chamado “Exército Pacificador”, e enviado do Rio de Janeiro para auxiliar nos confrontos da Guerra de Independência do Brasil em Salvador.

* * *

Maria Felipa era uma líder nata. Trabalhadora braçal, pescadora e marisqueira, descendente de sudaneses escravizados, era uma mulher alta e corpulenta, que despertava certo fascínio mesmo entre os lusitanos, senão apenas pela opulência física, talvez também pelo aparente nível cultural mais elevado, que de forma ostensiva a destacava em meio aos demais negros, cuja maioria era formada por bantos. As mulheres desejavam ser como ela; os homens desejavam estar com mulheres como ela...

Quando essa impetuosa mulher decidiu lutar, em pouco tempo aglutinou-se ao seu redor um grande grupo de pessoas, motivadas pelas mais diversas razões. As mulheres, entre elas as indígenas Inaiê e landara, por nunca antes terem visto uma mulher dotada de tamanho poder. Os negros eram diferentes dos que integravam o “Exército Libertador” de Labatut, estes últimos alistados de forma compulsória, a maioria confiscados de fazendeiros portugueses que durante o conflito fugiram para a Europa, ao passo que os negros de Maria Felipa a seguiam por iniciativa

própria. Já dos indígenas, alguns mesmo silvícolas, formados por tupinambás e tapuias, uma parte estava ali para proteger suas mulheres, outra apenas por entender tratar-se de uma guerra por liberdade, dom que desde sempre aprenderam a defender até a morte; entre eles estavam Araruna, Ubatã e Diaurum, todos da tribo de Yacamin.

No dia 7 de janeiro, o grupo liderado por Maria Felipa já contava quase duzentas pessoas e estava a postos para apoiar a equipe de Barros Galvão. Embora a atenção tivesse seu foco principal voltado ao trecho entre Manguinhos e a Ponta da Areia, por tratar-se de uma área ampla e de fácil aproximação para o desembarque, parte do pessoal fora deslocado para reforçar o efetivo do Major Rodrigues, na praia do Mucambo.

Dentre os voluntários, alguns receberam instruções militares sobre táticas de guerrilha. Como os portugueses vinham fortemente armados e os civis não possuíam armas de fogo, eles tentariam ao máximo trazer o combate para o corpo a corpo, ocultando-se em trincheiras cavadas na areia e atacando de surpresa, quando teriam mais chances com seus machados, facões e estiletos feitos à mão com todo metal que conseguiram juntar. Entretanto, eles tinham também uma arma secreta, trazida pelos nativos...

Conhecida pelos indígenas como “arre-diabo”, a cansanção é uma das plantas mais evitadas e temidas, pois basta um simples contato com seus pelos para causar um efeito urticante e vesiculante mais persistente e agudo que o da urtiga. Apesar do difícil manejo, há uma crença entre os indígenas que diz: “se a pessoa for pegá-la que nada fale, fique calado e nenhum mal ela lhe fará”,

ou seja, o segredo é ficar em silêncio e quando a for manuseá-la, prender a respiração... Funciona. Contudo, no caso de algum acidente, basta urinar no local logo após o contato com a planta. Por seu alto teor de ureia, a urina é o melhor antídoto. Como era pouco provável que os lusos soubessem disso, uma vez açoitados com essa arma natural, eles teriam preferido que fosse uma espada; o arre-diabo arde como brasa em carne viva.

Teçá deu o alerta:

— Eles estão chegando!

* * *

Os portugueses não tinham outra opção...

Como ficou evidente com o primeiro assalto a Itaparica, em 10 de julho de 1822, apesar de ocorrer depois das manifestações públicas ao Dia do Fico, bem como da Convenção de Beberibe, a luta pela Independência na Bahia já havia iniciado bem antes do eloquente, porém inofensivo grito às margens do riacho do Ipiranga, em São Paulo. Da mesma forma, diferente do que é ensinado às crianças nos bancos escolares, a Independência brasileira só se concretizou quase um ano depois do emblemático 7 de Setembro, e isso ao custo de muito sangue derramado e muitas vidas ceifadas...

Após a proclamação da Independência, as vitórias dos brasileiros nas batalhas de Cabrito e de Pirajá, em 8 de novembro, haviam consolidado o domínio sobre o Recôncavo Baiano, isolando os portugueses em Salvador, cuja situação era dramática. Por causa do cerco à cidade, faltavam víveres, e os mais fracos

sucumbiam vítimas de doenças generalizadas; o moral estava baixíssimo. Ou eles retomavam a ilha, ou seria sua derrocada.

Foram três investidas seguidas e aconteceram nos dias 7, 8 e 9 de janeiro de 1823. A primeira teve como meta o desembarque na praia do Mucambo, mas foi repelida pelos combatentes liderados pelo Major Rodrigues. A segunda foi o ataque a Amoreiras, onde todos os invasores que se atreveram a tocar a areia foram destroçados pelos voluntários de Barros Galvão, o herói da Praia Grande que, mesmo com uma das mãos quase decepada por um tiro de canhão, não fraquejou, conclamando ainda seus compatriotas a jurarem com ele perante o céu, que o inimigo só pisaria nessas praias quando não mais restasse de pé nenhum itaparicano. Na derradeira tentativa de desembarque, na Praia do Convento, já alquebrados física e moralmente, com diversas embarcações incendiadas por Maria Felipa e seus liderados, e ainda sob fogo cerrado do batalhão do forte, comandado por Antonio de Souza Lima, os portugueses não tiveram qualquer chance de aterrar, sendo escorraçados numa das mais humilhantes e vergonhosas derrotas sofridas pela esquadra portuguesa de São Felix, comandada por João Felix Pereira de Campos.

No dia 16 de janeiro, foi hasteada na velha “Praça de Guerra” a Bandeira do Brasil Independente, oferecida pelo General Labatut. Os portugueses nunca mais voltaram. Ainda assim, o Exército português permaneceu em Salvador, sob o comando do Governador das Armas da Bahia, Inácio Luís Madeira de Melo, por quase seis meses...

A gota d'água foi a chegada da esquadra imperial, sob o comando de Lord Thomas Cochrane. O bloqueio naval de Salvador

veio para complementar o bloqueio terrestre; conjugados, ambos impediam o suprimento do efetivo lusitano, forçando Madeira de Melo a capitular, abandonando Salvador no dia 2 de julho, quando a cidade foi tomada em caráter definitivo pelas tropas brasileiras. Enfim, a Independência do Brasil estava, mais que proclamada, concretizada. Foram capturadas, então, várias embarcações de bandeira portuguesa: “Carolina”, “Conde de Peniche”, “Leal Portuguesa”, “Pizarro” e “Prontidão”; não satisfeito, o almirante Cochrane ainda perseguiu as demais até quase em Lisboa.

* * *

Sentado no alto do morro do cemitério Yacamin contempla a água escamosa e tremeluzente da Baía de Todos os Santos. Para além da ilha do Medo se encontra a barra do rio Paraguaçu, que não dá para ver dali; baixando um pouco os olhos consegue divisar alguns pequenos trechos de areia branca, a mesma areia que há poucos dias ele vira tingida de vermelho com o sangue de portugueses e brasileiros, brancos e negros, indígenas, mulheres e até crianças, algumas delas atingidas por estilhaços ou pedras de paredes desabadas durante a refrega... o sangue de todos era vermelho... todos iguais. As praias ficaram todas vermelhas... sangue de todos... praias de todos. Teve praia para todo mundo.

Yacamin acha que o povo da vila reza muito. Reza-se pelas almas dos que morreram... reza-se dando graças pelos que sobreviveram. Dizem que até milagre teve durante a luta... Diversas pessoas viram uma mulher que abria os braços em direção ao céu bem aqui nesse morro; naquela mesma hora as balas dos canhões portugueses caíram todas na água, sem alcançar seus alvos na ilha. Ninguém sabia quem era ela, mas, à noite, perceberam que o

oratório de Nossa Senhora da Piedade estava aberto e a imagem estava suja com areia da praia... O indígena não entendeu o que uma coisa tinha a ver com a outra.

Durante os últimos dias, Yacamin também ouviu falar bastante das façanhas dos heróis; ouviu que João das Botas virou herói nacional da Independência, junto com o almirante “lorde inglês” cujo nome ninguém sabe pronunciar direito... Barros Galvão virou herói da ilha, por causa da sua bravura e valentia; pela mesma bravura e valentia, até a negra Maria Felipa virou heroína. Um dia o nome de cada um deles vai estar num lugar chamado panteão; o nome dos que morreram não, a menos que também tenham virado heróis. Vários negros que morreram não tiveram seus nomes na lista de mortos, porque nem dono eles tinham. Nenhum dos indígenas que morreram estava na lista dos mortos, mas aí já não é novidade, antes da luta, eles também nunca estiveram na lista dos vivos.

Yacamin estende-se no chão forrado pela grama verde e macia; com os braços dobrados e as mãos cruzadas sob a nuca, observa o céu purpúreo enquanto aguarda paciente que o tépido manto da noite o venha cobrir. Aos poucos as estrelas se aproximam, esgueirando-se sorradeiras e na ponta dos pés para não perturbar seu silêncio contemplativo. Por causa da lenda de seu nome, o indígena sabe reconhecer e identificar em instantes a constelação de Escorpião e a de Touro... já sabe até que Antares é o nome da estrela que representa a cabeça do “Mboi”. Ele aprendeu que, nas lendas, os indígenas que morrem se tornam constelações ou, pelo menos, uma nova estrela no céu. Então, ele sabe que é lá o seu panteão. A sua missão agora é descobrir entre

milhares de estrelas à sua frente, quais delas não estavam ali antes da sangrenta batalha na ilha de Itaparica.

O trabalho que lhe resta será árduo, muito mais que escalar muros de pedra ou carregar canhões de ferro nas costas... Como ele fará para reconhecer no céu a onça preta e poderosa de Diaurum? Como identificará a estrela de landara, a indígena que não gostava de acordar antes do meio-dia, mas que dormiu tão cedo o sono sem volta?

Yacamin significa “pai de muitas estrelas”, mas ele não tem filhos, nem mulher... nunca os terá... pois agora ele precisa cuidar da “mãe da chuva”, Amanacy, e da sobrinha, “aquela que não tem dono”, Aiyra, porque falhou desgraçadamente em cuidar do valente irmão Piatã. Agora, até que encontre a estrela do “homem forte” e a apresente à sua sobrinha, para que ela a guarde na memória e no coração, ele não poderá mais descansar...

Nem mesmo morrer.



LEOPOLDINA EM TRADUÇÃO LIVRE

Diego Cavalcante Sampaio

Meu amor, tô morrendo de saudade. Essas cartas demonstram uma vida pra ir e voltar, isso tá me deixando louca. Mas que jeito, né? Pelo andar da carruagem, não vou poder te ver tão cedo. O imbecil do Pedro anda cabreiro. Até com o Bonifácio, que praticamente mora no palácio, deu pra implicar. Na cabeça dele, todo mundo tá só esperando a chance de comer a mulher dos outros, como ele mesmo faz. O mais engraçado é, pelo menos desta vez, ele ter algum motivo. Hahaha.

Bom, tenho uma boa notícia: agora não tem mais perigo imediato de eu ter de voltar pra Europa. Com certeza, você já sabe sobre a palhaçada do Dia do Fico, só se fala disso em todo lugar. Todo mundo comentando como o Pedro é corajoso, como desafiou a Coroa portuguesa, que é muito apegado ao Brasil e etc. Só quem nunca trocou uma palavra com ele pra acreditar nessas baboseiras.

Na verdade, me deu muito trabalho pra convencer aquele idiota a ficar aqui. E não fui só eu, tive de fazer boa parte da fidalguia acreditar que valia a pena pra eles também. Como eu não posso simplesmente chamar qualquer um pra conversar, porque, enfim, princesa regente e tal, sou obrigada a fazer tudo por baixo

dos panos, e isso complica ainda mais. O Cadolino, coitado, passou uns sete dias no mundo só entregando carta minha. Graças a Deus, um monte de gente buzinando no ouvido do Pedro deu resultado.

O Bonifácio também ajudou, falou com umas pessoas da Corte, povo com quem eu não tenho muito contato. Ele não dá ponto sem nó, com certeza fez pensando em ter mais poder de decisão no futuro, pois o Pedro terceiriza quase tudo e só se emprega em zanzar daqui pra São Paulo, pra ir atrás daquela vadia da Domitila.

Não que eu ache ruim, longe de mim. Quanto mais tempo ele ficar fora de casa, melhor. Fica mais fácil de dar um perdido nas fofoqueiras da Corte e ir te ver. Tô aqui no quarto, suando debaixo das anáguas, pensando nesse teu corpo queimado de sol. Ai, ai, mas eu não vou entrar nesse assunto, senão fica difícil terminar a carta. Hahaha.

Enfim, por enquanto vou ficar, mas tenho medo do Pedro mudar a cabeça a qualquer momento, volúvel como ele é... Então, eu tive uma ideia louca e quero te contar. Se der certo, vai resolver pra sempre essa ameaça de ter de sair do país. A confusão em Portugal tá grande. Depois da tal da revolução do Porto, tão cortando as asinhas do João com uma constituição pra tirar poder do rei. No meio de tudo isso, pode ser o momento ideal pra deixar de ser explorado por Portugal. Isso mesmo, tô falando de independência, meu bem.

Lógico, o negócio de deixar de ser explorado é só desculpa. Eu quero lá saber se fidalgo tá ganhando ou perdendo dinheiro no Brasil. Só quero garantir que vou ficar aqui, perto de você. Eu sei, tô jogando alto, e sei do perigo disso tudo também, mas eu não

aguento mais ficar nesta aflição. Vou te contar meu plano. A gente combinou de você sempre destruir as cartas, mas esta aqui tem de fazer desaparecer mesmo, não pode ficar nem rastro. Só nós dois sabemos dessas ideias, por enquanto.

A primeira coisa, e já comecei a fazer isso, é dar uma aparência de nação na Europa. Andei mandando umas cartas pra uns conhecidos em várias cortes, pra minha irmã na França, pro meu pai, pra uns amigos na Espanha. Eu comecei a diferenciar brasileiro de português, ou seja, ao falar de gente nascida aqui, eu trato por brasileiro, assim vai entrando na cabeça deles o fato do Brasil não ser Portugal.

Também andei pegando umas conversas por aí (tenho minhas fontes), e os ingleses tão bastante interessados no Brasil. Também, pudera, né? Um monte de gente aqui. Se esse povo for obrigado a voltar a comprar só de Portugal, vai ser uma perda enorme de mercado pra eles. O adido inglês no Rio não é flor que se cheire, mas se finge de amiguinho de todo mundo pra agradar, então eu vou aproveitar isso.

Ninguém fala muito desse assunto fora da Corte, mas algumas capitânicas já tão desafiando o controle de Portugal. Isso vai ser um problema. Normalmente, o Pedro deixaria essa batata quente pro pai dele resolver, mas, se a gente for declarar independência mesmo, tenho de ir logo pensando sobre isso, senão o futuro grande império do Brasil vai se espatifar num monte de territórios menores, e vamos perder o controle como os espanhóis perderam das colônias deles.

Os ingleses podem ter alguma utilidade aí também. Nossas tropas não são suficientes pra sufocar essas rebeliões. Se tem

uma coisa sobrando na Inglaterra, é mercenário, tanto no sentido literal quanto no figurado. O negócio é fazer um acordo tomando cuidado pra não deixar de ser colônia de um país europeu e passar a ser colônia de outro, se é que você me entende.

Mas, mesmo se toda a fidalguia apoiar, não sei se o Pedro vai comprar a ideia. Por mais burro que ele seja, é esperto o suficiente pra perceber o risco de declarar independência. Se não der certo, ele pode ficar sem império e ainda perder o direito à Coroa portuguesa. Ele sempre confiou na possibilidade de, dando tudo errado, voltar pra reinar em Portugal. Por isso, vive arrotando coragem e peitando todo mundo.

Enfim, vou começar a me mexer. Pedro tá planejando uma viagem a São Paulo, tem umas instabilidades políticas rolando por lá, e ele vai ver se consegue apaziguar. Inclusive, essa é a desculpa perfeita pra ele ir passar um tempo na cama daquela criatura sem gerar falatório. Vou aproveitar os dias de ausência dele pra te ver, mando Cadolino avisar assim que o futuro grande imperador passar pelo portão.

Infelizmente, não posso ficar muito por aí, vou ter de voltar rápido pra organizar as coisas. Considerando a possibilidade do Pedro não ter coragem de assinar a independência, tô pensando em eu mesma assinar quando ele estiver ausente. Com o fato consumado e a nobreza apoiando, fica difícil de ele voltar atrás, passaria recibo de covarde.

Tenho de me despedir agora, mas fique pensando em mim, e estes dias vão passar rápido. Vou bater aí, na sua porta, quando você menos esperar (e sem ceroulas, hahaha).

Te amo, Maria Leo.